

EAV Parque Lage

Clipping de Notícias Espontâneas na Imprensa Nacional
2015



EDUCAÇÃO

EAV renovada aos 40 anos

Nova gestão da escola cria cursos de verão e de formação continuada

ADALBERTO NETO
adalberto.neto@oglobo.com.br

A Escola de Artes Visuais do Parque Lage (EAV) completa quatro décadas este ano. E para mostrar que ainda está com tudo em cima, ela acabou de lançar um programa piloto e gratuito de estudos, com aulas-ensaios, dança, oficinas, palestras e tertúlias noturnas em volta da piscina do local, além de editais de formação continuada. O projeto é de Lisette Lagnado, diretora recém-chegada, que pretende transformar os cursos oferecidos pela instituição num celeiro de grandes artistas.

— Vim para a EAV em maio do ano passado, mas em outro cargo. Só em agosto, virei diretora da escola, com a

missão de trazer um olhar contemporâneo, mas que, no mesmo tempo, fizesse um resgate da história de 40 anos da entidade — comenta ela.

O primeiro projeto posto em prática por Lisette foi o EAVeirão. O programa, que está em andamento, reúne uma série de opções de oficinas de artes durante período de férias da escola. O próximo passo serão os cursos de formação continuada, que estão com os editais de convocação abertos.

— Os cursos que a EAV ofereciam, anteriormente, eram voltados apenas para iniciantes. Os alunos não tinham opções de aperfeiçoamento e acabavam se reinscrevendo nos mesmos cursos e não evoluíam. Uma escola tem que empurrar, não pode

prender. Foi isso que me motivou a criar cursos intensos, onde se possa trocar, fazer contatos — afirma Lisette.

As inscrições para os dois editais dos cursos de formação continuada terminam no dia 23 do próximo mês. As aulas começarão em 9 de março. Cada nível tem a duração de 360, distribuídas em nove meses.

— No nível 1, os alunos passam quatro meses tendo seminários de teorias da arte e da cultura. Depois, a escola oferece uma imersão com professores surpresa, que tem duração de um mês. E, nos quatro seguintes, eles vão se aprofundar em duas de 13 disciplinas, entre elas, gravura, cinema e poesia. O nível 2, é dividido da mesma maneira. A diferença é que,

Vim trazer um olhar contemporâneo e resgatar a história de 40 anos da entidade

LISETTE LAGNADO

na primeira etapa, são dados seminários de pesquisa e, na seguinte, seminários de projeto — explica Lisette, que entrevistou todos os professores da instituição para encaixá-los nas disciplinas em que mais se adequam.

Entre as disciplinas dos cursos de nível 1 e 2, a de cu-



LISETTE LAGNADO

rador visitante é uma porta de entrada no mercado. Nela, críticos, que se revezam a cada dois meses, analisam os trabalhos dos alunos. Os cinco que tiverem o melhor desempenho participarão de uma exposição coletiva com artistas renomados.

O primeiro visitante será o curador Bernardo Mosqueira, de 26 anos, que também já estudou na EAV. Apesar de seu trabalho com os alunos só começar em março, ele tem ido frequentemente à escola para pesquisar sobre o tema que escolheu.

— Quero trabalhos em que há encruzilhadas. Desde as da macumba a manifestações políticas, encontros e carnaval. Para os alunos selecionados, vai ser uma experiência ímpar ver suas peças dialogando com a de artistas conhecidos — diz Mosqueira. ●

Novo tempo.
Lisette assumiu a direção da EAV em agosto do 2014

+ INFO
O EAV fica na Rua Jardim Botânico 414, Jardim Botânico. Tel.: 3257-1800.
Os cursos são gratuitos

OCA LAGE

Cobertura de Imprensa: Revista de S. Paulo Casa Vogue Edição Nacional Fevereiro de 2015

GENTE NAS ARTES

É TEMPO DE COMEMORAR
A ESCOLA DE ARTES VISUAIS DO PARQUE LAGE, NOROESTE DE JANEIRO, COMPLETA 40 ANOS. ENQUANTO A CASA FRANÇA-BRASIL CELEBRA SEUS 125 IDIUS, NÃO FALTA TEMPAR ARRINDAR ESTAS HISTÓRIAS. COM A PALAVRA, MARCIO BOTNER, SEU PRESIDENTE.
RETRATO DE MARY ANDRE LILLIS

Marcio Botner, presidente executivo da Oca Lage, responsável pela EAV e pela Casa França-Brasil, e proprietário da agência de comunicação A Gentis Carioca, agenciando, em seu local de trabalho, o Salão de Arte do Parque Lage



Acima, a famosa praça do Parque Lage, que abrigou alguns dos eventos culturais mais importantes do Rio de Janeiro; abaixo, à esquerda, o diretor de arte, André Komatsu; e, abaixo à direita, as obras que fazem parte da exposição Encruzilhadas, curada por Bernardo Mosquera, de 27 de março a 17 de maio

"SINTO-ME EM UM LABORATÓRIO AMBULANTE, uma oficina capaz de levar e trazer a mistura de culturas que fortalece a brasilidade, com direito a toda herança europeia, indígena e africana que nos cabe. O palacete que abriga a EAV - Escola de Artes Visuais, no Parque Lage, foi um presente de amor de Henrique Lage para sua mulher, a cantora lírica italiana Gabriella Bonaventura, em 1927. As festas e saraus dados pelo casal marcam época. É também isso que inspirado o fato de ser uma escola de artes encravada no meio de uma floresta, e aos pés do Cocoadado. Em 1975, há 40 anos, Rubens Gerchman, indicado por Lina Bo Bardi, fundaria ali a EAV, um espaço de criação irreverente em pleno período de turbulência política. Já a Casa França-Brasil, instituída em 1990, é um marco do neoclássico e está no centro do processo de reurbanização da região portuária. Sua frente se voltará para a Baía de Guanabara, como em 1820, quando foi a Praça VI. Comércio, vale lembrar, também significa fluxo de informações e trocas culturais. As palavras que anem as duas instituições são liberdade e ousadia, e aí nasce o nosso norte. No programa EAVerão, que vai até o final deste mês, estamos oferecendo aulas elaboradas pelos artistas Lissette Lagoado (nova diretora da escola), Tunga e Aderhal Ashogun, entre outros. Idealizamos o Parque Lage, com obras voltadas para as crianças junto à área verde, que receberá, neste verão, um trabalho de Floriano Romano. Sempre com o legado transdisciplinar do Gerchman na cabeça, queremos repensar e valorizar o papel de uma escola na formação de artistas e críticos. Uma das principais ações deste ano será o programa Curador Visitante: convidamos profissionais que admiramos para acompanhar os alunos e montar exposições em que estejam ainda outros artistas, fazendo um importante diálogo. Bernardo Mosquera selecionou cerca de 40 alunos e artistas como Regina Parra, André Komatsu e Mauro Restiffo para trabalhar em torno do tema da "encruzilhada" tanto o estado físico, onde a sociedade se encontra (spine no Carnaval e em manifestações



CASA VOGUE/OCALAGE BR 09

GENTE NAS ARTES



À esquerda, prédio recém-aberto que abriga a Casa França-Brasil, no centro da Rio; mais à esquerda, a obra de Lina Bo Bardi e o artista francês, em um momento do seu projeto

política), quanto o psicológico, naquele instante em que precisamos tomar decisões relevantes. A seguir, teremos curadorias de Bernardo de Souza, Laisa Duarte, Daniela Lobra e Maria Meire. Enquanto isso, estou organizando, com o mexicano Pablo León de la Barra, novo diretor da Casa França-Brasil, exposições inéditas de Rodrigo Braga, Angelo Venosa e Barrios. Neste momento de muita ebulição, quem tem puxado meu pé ultimamente é um inquieto e esdrúxulo Gerchman, o inovador, articulador e aglutinador da liberdade; Lina, a mentora espiritual e curadora das artes no Brasil; Darcy Ribeiro, educador visionário, ao unir nossas raízes indígenas à cultura do mundo; e, por fim, e talvez principalmente, Mario Pedrosa, que defendia a busca do "quarto reino da natureza, o da arte". Ele também dizia que devemos celebrar "a alegria de criar, alegria de viver". Dessa inspiração, nasce uma ponte unindo a história, arte e natureza dessas duas instituições culturais, ligando a Baía de Guanabara, vizinha à Casa França-Brasil, à floresta na Zona Sul que abriga o Parque Lage. Que a natureza já seja cultura e a cultura ainda seja natureza!"



EU QUERO PASSAR

Já virou tradição: há 36 anos, a Gentis Carioca, comandada por Marcos Botner, Ernesto Neto e Laura Lima, "começa os trabalhos" anuais com a mostra Abre Alas - título que remete ao curso que inaugura o desfile da escola de samba, O Abijó! Abre portas para jovens artistas (que muitas vezes não eram reconhecidos por galerias até serem descobertos pelo trio) gente e apresentadas ao mundo das artes. Depois de analisar 310 portfólios, Botner, Neto e Lima, em parceria com o curador Michelle Sommer e os artistas Livia Flores e Daniel Staegemann, selecionaram obras de 45 jovens nomes para iniciar 2015 com o 2º desfile. Na quarta dia 7 de fevereiro a 13 de março, www.gentiscarioca.com.br

PARQUE LAGE

Cobertura de Imprensa: Revista de S. Paulo
Select Edição Nacional Fevereiro de 2015

PERFIL PROFISSIONAL

35

CURADOR-ETC.*

Ser curador não é apenas escolher obras de arte e organizar exposições. Muitos profissionais teorizam, exercem a crítica de arte, escrevem livros, orientam artistas, documentam, historiografam, dão aulas e gerem equipes multidisciplinares, entre outras atividades. Conheça o perfil de alguns deles

MÁRION STRECKER PAULA ALZUGARAY GISELLE BEIGUELMAN
LUCIANA PAREJA NORBIATO GUILHERME KUJAWSKI

FOTOS PAULO D'ALESSANDRO

(*) Citação do termo artista-etc., cunhado por Ricardo Basbaum para designar categorias como artista-curador, artista-escritor, artista-ativista-etc.

PERFIL PROFISSIONAL

41

CURADOR MENTOR

LISETTE LAGNADO
VIVE E TRABALHA NO RIO DE JANEIRO

ATUAÇÃO
Crítica e diretora da Escola de Artes Visuais do Parque Lage, no Rio de Janeiro

NASCIMENTO
3/6/1956

FORMAÇÃO
Nascida no Congo, imigrou para o Brasil em 1975. Formada em Comunicação Social, é mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP e doutora em Filosofia pela USP

FOCO DA PESQUISA HOJE
"Ênfase no caráter crítico da atuação curatorial e busca em minhas propostas um viés antagônico aos modelos estereotipados e hegemônicos, que apenas cristalizam valores *mainstream*."

DESTAQUES DA CARREIRA
Coordenadora do Projeto Hélio Oiticica
Curadora-geral da 27ª Bienal de São Paulo (2006)
Coeditora da revista *Arte em São Paulo*, editora das revistas *Galeria, Marcelina* e da revista eletrônica *Trópico*.
Autora dos livros *Conversações com Iberê Camargo, Leonilson* e *São Tantas as Verdades e Laura Lima On_Off*

COMO DEFINE SUA ATUAÇÃO CURATORIAL
"Entendo minha atuação como produção de conhecimento novo e reflexão sobre a história da cultura. Essa pesquisa gera um tipo de narrativa polifônica que articula todos os elementos que compõem uma exposição: obras prontas e trabalhos especialmente comissionados, características arquitetônicas do espaço expositivo, material de comunicação ao público (textos de parede, sinalização, catálogos, proposta educacional, debates), mas também as premissas específicas de cada instituição. Nesse sentido, são curadorias site-specific e de risco, e apostas em valores ainda não consagrados. Gosto de fazer curadorias que envolvem pesquisas de fôlego e a invenção de hipóteses a ser testadas no espaço."



PARQUE LAGE

Cobertura de Imprensa: Jornal do Rio

Destak Edição Regional 24/2/2015

Festa se estende ao Parque Lage

Comemorações ganham uma versão no local que inclui performances de balões solares e show grátis de Jards Macalé

DA REDAÇÃO
redacao@destakjornal.com.br

Já totalmente integrada à cidade, a EAV (Escola de Artes Visuais) do Parque Lage completa quatro décadas justamente no mesmo ano em que o Rio celebra seu aniversário. E a festa, realizada este domingo, dia 1º de março, vai ser compartilhada entre as duas ocasiões especiais. A programação do evento, chamado de Domingo no Parque, tem arte, música e oficinas e deve continuar em edições mensais até setembro.

Um dos destaques da festa é um show de Jards Macalé, às 17h, no



Piscina icônica do Parque Lage vai ser ocupada por atividades neste domingo

Lago dos Patos. No evento, ele vai comemorar também seus 72 anos de intensa atividade. O grupo de choro Pixim Bodega é outra atração musical e faz duas apresentações no parque, às 10h e às 13h.

O grupo Clinâmen ou A Banda de Um Dia, formada por artistas plásticos, escritores, videastas e músicos, se reúne só para o dia e

Atividades também celebram 40 anos da EAV (Escola de Artes Visuais) e acontecem domingo, de 8h a 21h

faz performances especiais a partir de 16h, na gruta do parque.

Outro destaque é a performance "Largada Ao Céu", com espetaculares balões solares. Serão lançados no ar cinco esculturas infláveis de papel de seda com co-

res escuras, de até 12 m de altura, infladas por ar quente produzido por ventoinhas e pelo calor do sol.

Dependendo das condições climáticas, os balões devem sair de hora em hora, no terraço do palacete, com coordenação do mestre baloceiro Luciano Britto e da Sociedade de Amigos do Balão.

A área verde do parque recebe também o trabalho Chuveiros Sonoros, do artista carioca Romano. São três chuveiros em uma estrutura de azulejos, que, quando acionados, começam a "cantar" áudios coletados pelo artista.

Oficinas de arte infantis e o lançamento do catálogo da exposição Quinta Mostra EAV Parque Lage completam a programação.

PARQUE LAGE

Rua Jardim Botânico, 414, Jardim Botânico. Dia 1º de março, entre 8h e 21h. Entrada grátis.

Conte algo que não sei

'A tendência no mundo é a diversidade acabar'

Manuela Ligeti C. da Cunha, antropóloga e matemática

Portuguesa que estudou com Lévi-Strauss e pesquisa relações entre variedade agrícola e cultural veio ao Rio a convite da Escola de Artes Visuais do Parque Lage

"Nasci em Cascais, Portugal, e vim para São Paulo bem pequena. Sou de uma família de judeus húngaros que mudou o sobrenome para Ligeti. Uma vez perguntaram à minha irmã se ela era parente do compositor e ela disse que não, mas logo retrucaram: 'Como você sabe se ele também não mudou o sobrenome?'"

ENTREVISTA A:

CLARICE SPITZ
 clarice.spitz@oglobo.com.br



MARCA FOLETTO

• **Conte algo que não sei.**
 Só uma pequena fração das plantas que existem hoje são cultivadas, mas a variedade dentro da mesma espécie é condição vital para a segurança alimentar. As plantas evoluem com pragas, mudanças climáticas e seleção natural, criam resistências, mas só quando há diversidade.

• **Pode dar um exemplo?**
 A grande fome da Irlanda matou 1 milhão e forçou outro milhão a se esgar por causa da praga das batatas. Nos Andes, os índios selecionaram mil variedades de batatas. Só duas estavam sendo cultivadas na Irlanda.

• **No Brasil, onde está essa diversidade de agricultura?**
 A mandioca, por exemplo, passou a ser cultivada no Brasil na Amazônia, há 6 mil anos. No Rio Negro há mais de cem variedades da brava. O prestígio dos agricultores na região, no caso, as mulheres indígenas, vem da

variedade do seu roçado. Os índios do grupo Tucano são do mesmo tronco linguístico, mas falam línguas diferentes como francês e italiano, por exemplo. Dentro do grupo, proíbe-se casamento que não seja entre pessoas com línguas diferentes.

• **A diversidade é presente no casamento e na mandioca...**
 Quando a mulher se casa e vai morar na aldeia do marido, a mãe lhe dá manivas de mandioca para formar um roçado. A sogra lhe dá outras. É o início de uma diversidade que já está dada nas regras do casamento. Em viagens a outras aldeias, trocam-se variedades. E, quanto mais parentes, melhores roçados e maior prestígio social.

• **Você se formou em matemática. Por que vias acabou enveredando para a antropologia?**
 A certa altura me empuguei com os sistemas de saber indígenas e me especializei em antro-

pologia social com Lévi-Strauss. Hoje sou professora emérita na Universidade de Chicago, dei aulas na Unicamp e na USP, e publiquei livros. Meu estudo é pluridisciplinar, com botânicos e pessoas ligadas a políticas culturais. Um dos livros mais importantes de Lévi-Strauss, que é "O pensamento selvagem" (1962), já tratava do conhecimento tradicional e mostrava que a diversidade tem importância por si.

• **Quais os principais riscos para índios e para a diversidade alimentar no Brasil?**

Há muitos. Um dos maiores é o projeto de lei 29/2015, em regime de urgência no Senado, que trata do acesso à biodiversidade sem consultar as populações indígenas e com influência das empresas. Outro risco, muito grave, é a proposta de emenda constitucional 215, que tira do Executivo a responsabilidade exclusiva pela demarcação das terras indígenas e a passa para o Congresso.

• **Vivemos em um mundo cada vez mais repleto de tribos...**
 E cada vez mais homogêneo. A tendência no mundo é tudo ficar igual, a diversidade acabar. E isso é uma lei, na verdade a segunda Lei da Termodinâmica.

• **Como assim?**
 Por exemplo, café e açúcar, quando misturados, são coisas bem diferentes que nunca mais vão se separar por si mesmos após misturados. A tendência é ir da diversidade para a homogeneidade. Esse é um processo irreversível que leva o mundo a ficar mais igual e isso é um risco porque não se pode voltar atrás.

• **E ir para a frente?**
 Essas agriculturas estão produzindo diversidade, não estão apenas conservando, e representam um cabedal importantíssimo. Isso é verdade na agrobiodiversidade, mas de maneira muito mais geral, na diversidade de línguas e de visões de mundo.

MOSTRA CARIOCA

Cobertura de Imprensa: Jornal de Belém
O Liberal Edição Regional 27/4/2015

27 DE ABRIL, 2015 - 06H00 - LIBERAL SOCIETY

Liberal Society

Agenda

Arte

A Escola de Artes Visuais do Parque Lage inaugura, nesta terça-feira, a exposição "Encruzilhada", com mais de cem obras de cerca de 70 artistas, em curadoria de Bernardo Mosqueira. A mostra inaugura o programa Curador Visitante, novo desenho do calendário de exposições da instituição. Boa opção para quem está no Rio de Janeiro, já que trata-se de uma grandiosa seleção de obras de arte.

PARQUE LAGE

Cobertura de Imprensa: Jornal de S. Paulo

Folha de S. Paulo – Ilustrada Edição Nacional 28/4/2015

C4 ilustrada ★ ★ ★ TERÇA-FEIRA, 28 DE ABRIL DE 2015



Casarão da Escola de Artes Visuais do Parque Lage, na zona sul do Rio, que inicia série de mostras com jovens artistas

Escola do Parque Lage tenta recuperar relevância cultural

Espaço na zona sul do Rio, agora gerido por OS, inaugura série de exposições

Mostras terão artistas consagrados e novatos; centro da contracultura, casa formou Adriana Varejão e Leonilson

LUIZA FRANCO
90 830

Surtriram em março, na rua Jardim Botânico, no bairro do Rio, cartazes com os dizeres: "Precisa-se de poetas", "Seja artista por uma noite", "Saco cheio de arte".

As mensagens, algumas escritas por poetas, são sinais do resurgimento no cenário cultural carioca da Escola de Artes Visuais do Parque Lage, que completa 40 anos em 2015 com uma série de exposições.

A escola foi fundada pelo artista Rubens Gerchman (1942-2008) em 1975 para mudar o ensino das artes no Brasil. Com um modelo aberto de cursos livres e sem qualquer relação com as universidades,

a escola vinculada à Secretaria de Cultura de Estado foi um polo de formação da contracultura durante o regime militar. O Parque Lage, onde funciona, era conhecido como o jardim da oposição.

No corpo docente havia pessoas de diversas áreas, como a arquiteta Lina Bo Bardi, o cenógrafo Hello Eichbauer e o cineasta Sergio Santeiro.

Lá se formaram os artistas da chamada "geração 80" — Adriana Varejão, Beatriz Milhazes, Leonilson, entre outros —, termo nascido da exposição "Como Vai Você, Geração 80?" (1984), que tomou o belo casarão da escola e o parque.

Construído em 1920 como réplica de um palácio romano, o casarão foi presente do empresário Henrique Lage à sua mulher, a cantora lírica italiana Gabriella Besanzoni. A famosa piscina e os amplos salões serviram de cenário às filmagens de "Terra em Transe" (1967), de Glauber Rocha, e ao clipe da música "Beautiful" (2002), do rapper Snoop Dogg.

Com a saída de Rubens Gerchman, no início de 1979, a escola perdeu muitos professores e, desde os anos 1980, nunca mais retomou a mesma efervescência.

A partir de 1985, começou a ser gerida por uma Associação de Amigos, que financiava a duras penas as atividades principais da escola com doações privadas.

Aos poucos, a escola passou ser vista como um espaço de ateliês e oficinas, mais do que de formação artística.

Ha um ano, a Secretaria de Estado de Cultura entregou sua gestão e a da Casa França Brasil à OS (organização social) Oca Lage, presidida pelo artista e galerista Marcio Botner. O conselho contratou como diretora Lisette Lagnado, crítica e curadora da 27ª Bienal de São Paulo (2006).

"A escola é importantíssima em função de sua história. Agora, temos que torná-la importantíssima em relação ao futuro", diz Paulo Albert W. Vieira, diretor da co-

missão responsável pela gestão da escola, que soma mais de 2.000 alunos e 70 cursos.

Um marco desta nova fase será uma série de exposições sob curadoria de cinco jovens. A primeira delas, "Encruzilhada", começa nesta terça (28). "Escolhi jovens justamente para dar um caráter experimental", diz Lagnado.

As exposições vão misturar obras de artistas consagrados, como Antonio Dias e Cildo Meireles, com pelo menos cinco estudantes da casa.

Para Bernardo Mósqueira, 26, curador de "Encruzilhada", "a reforma da escola tem um impacto imediato, mas virá mesmo daqui a cinco, sete, dez anos, quando esses moleques começarem e botarem tudo para fora".

ENCRUZILHADA

QUANDO: 28/4 a 2/5, das 9h às 17h, diariamente
ONDE: Escola de Artes Visuais do Parque Lage, r. Jardim Botânico, 414; tel. (21) 3257-1800
QUANTO: grátis

PARQUE LAGE

Cobertura de Imprensa: Jornal do Rio

O Globo – Segundo Caderno Edição Nacional 28/4/2015

'Encruzilhada' AÇÃO TRANSFORMADORA

Exposição assinada por Bernardo Mosqueira dá início a novo projeto de mostras no Parque Lage

NANI RUBIN
nani@oglobo.com.br

Pense numa encruzilhada. Duas retas que se atravessam. Um dilema a que é necessário responder. Um jogo de dados. Brasília, do plano-piloto à natureza ambígua de capital. Exu e seu poder de transformação. Bernardo Mosqueira, 27 anos, pensou em tudo isso e muito mais, depurando sentidos até chegar à exposição "Encruzilhada", que será inaugurada hoje, às 19h, no Parque Lage, reunindo cerca de cem obras de 70 artistas.

A mostra pensada por Mosqueira inaugura, na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, o projeto Curador Convidado e, de certa forma, também é fruto de uma encruzilhada da escola — até 2014 as exposições no local se dividiam entre as de artistas estabelecidos (nas Cavalerias) e as de alunos (no Palacete). Diretora da EAV desde o ano passado, Lisette Lagnado decidiu que seria oportuno "discutir as exposições como espaços de experimentação relacionados à atividade pedagógica da escola". Assim, cada curador dá um curso de cerca de 30 horas na escola para aprofundar um tema de pesquisa e, a partir daí, acompanha e discute com os alunos a realização dos trabalhos.

SPINOZA E EXU

Para essa mostra, Mosqueira seguiu três métodos de pesquisa: — Fomos buscar na história do pensamento ocidental momentos em que eram descritas situações de encruzilhada, como a "Ética" de Spinoza e as "Mitologias" de Barthes, mesmo que não fosse utilizada essa palavra. Num segundo eixo, pesquisamos a cosmologia de ancestralidade africana, em especial um jogo de búzios com a Mãe Beata de Iemanjá. Falar de encruzilhada é falar de Exu, essa força de onde surge o universo. E, por fim, usamos uma espécie de dispositivo de linguagem, que foi pegar o significado de encruzilhada nos dicionários, encontrar os sinônimos e



"Toque-toque, surucua, arara". Daniel Steegman criou uma intercessão entre palacete e floresta nessa instalação espacial de 2012



"Crossing colors". Obra de Jac Lelmer, de 2013



Nazareno. "Um prato cheio de certezas", de 2009

identificar as diferenças. Por que cruzamento não é encruzilhada? Por que dívida não é encruzilhada? Assim, listamos um conjunto de qualidades específicas, singulares.

O conjunto levou a um pensamento que permeia a mostra.

— Essa exposição inteira é sobre a possibilidade de se transformar e a vontade de transformação — diz ele.

Qualidade que se aplica à montagem: a cada semana, o curador vai mexer nas obras, trocá-las de lugar, criando novas possibilidades de relação.

— Isso em termos de método curatorial é inédito, e em termos institucionais não poderia ser admitido a não ser numa escola. É algo totalmente experimental — diz Lisette.

A exposição "Encruzilhada" apresenta grupos de trabalhos, como os dedicados a Brasília — em "Ebó" (2011), de Milton Marques, uma maquete do Congresso pega fogo —, ou um segmento com obras sobre dados — são exemplos "Um prato cheio de certezas" (2009), de Nazareno; ou "Ambiente utópico" (2014), de Anna Linnemann. Há um núcleo de questões antropológicas e sociais — como o vídeo "Reduções" (2006), de Arman-

do Queiroz, em que uma vela com o decalque de um índio queima até o fim, ou a foto "Blacks in the pool" (2013), de Paulo Nazareth. Trabalhos históricos, caso do vídeo "Centerminal" (1974), de Anna Bella Geiger, e "Faça você mesmo: território liberdade" (1968), de Antonio Dias, estão ao lado de obras deste ano, como as da série "Inacreditável/inadivível", do aluno Pedro Victor Brandão.

Além do Palacete, das Cavalerias, da Capela e da Lavanderia, vários trabalhos ocuparão a área verde, como "Exu" (2015), de Aderbal Ashogun e Afonso Tostes, ou o luminoso "Chance" (2015), de Regina Parra.

O projeto Curador Visitante segue este ano com mostras organizadas por Bernardo de Souza, Luisa Duarte, Daniela Labra (ambas críticas de artes do GLOBO) e Marta Mestre. ■

ONDE: Parque Lage – Rua Jardim Botânico 414 (257-7800)

QUANDO: De amanhã à 26 de junho

QUANTO: Grátis

CLASSIFICAÇÃO: Livre

NA WEB
oglobo.com.br/cultura
Veja mais imagens da exposição

PARQUE LAGE

Cobertura de Imprensa: Revista do Rio
Veja Rio Edição Regional 29/4/2015

Exposições

Rafael Teixeira | rafael.teixeira@abril.com.br

Ocupa EAV

A coletiva *Encruzilhada* leva cerca de 100 obras a diversas áreas da Escola de Artes Visuais do Parque Lage

Mais de setenta artistas brasileiros de diversas gerações promovem uma grande ocupação na Escola de Artes Visuais do Parque Lage a partir de quarta (29): Palacete, Cavalariças, Capela e até a área verde receberão cerca de 100 obras na coletiva *Encruzilhada*. Estreia do programa Curador Visitante na instituição, a mostra foi organizada por Bernardo Mosqueira. Entre os artistas reunidos há nomes consagrados, a exemplo de Carlos Vergara, Cildo Meireles e Waltercio Caldas, ao lado

de estudantes da EAV – entre outros, Carol Valansi, Maya Dikstein, Pedro Victor Brandão e Tiago Malagodi. Não há discriminação de técnica. Os visitantes vão encontrar no acervo do objeto *Um Prato Cheio de Certezas* (2009), de Nazareno Rodrigues, à escultura *Crossing Colors* (2013), de Jac Leirner, passando por desenhos, colagens, gravuras e vídeos.

Escola de Artes Visuais do Parque Lage.
Rua Jardim Botânico, 414, Jardim Botânico,
☎ 5257-1800. Ⓛ Diariamente, 10h às 17h.
Grátis. Até 2 de junho. A partir de quarta (29).

FOTOS: EXPOSIÇÃO E FOTÓGRAFIA: CÉCILIA CRIVILLATO



Crossing Colors (2013), de Jac Leirner (à esq.), e *Um Prato Cheio de Certezas* (2009), de Nazareno Rodrigues: na seleção

PARQUE LAGE

Cobertura de Imprensa: Revista de S. Paulo
Casa Vogue Edição Nacional Maio de 2015

ANTENA EXPO

E AGORA, JOSÉ?

"Lugar onde se cruzam duas ou mais ruas, estradas ou caminhos." A descrição da palavra **Encruzilhada** pode parecer simplória, mas foi capaz de inspirar cerca de 70 artistas a ocupar o palacete e a área verde do Parque Lage, no Rio. "Mais do que uma situação física, é um estado em que você sente que precisa fazer uma escolha", diz o curador Bernardo Mosqueira. Nesses momentos de dúvida em relação às próximas ações é que, então, são promovidos "encontros" – criativos, políticos, amorosos ou até espirituais –, tema abordado por nomes como Anna Bella Geiger, Cildo Meireles, Claudia Andujar, Paulo Bruscky e Waltercio Caldas, entre outros. Inatigar essas relações de troca é, também, o objetivo de *Salada Mista* (foto): performance, prevista para o dia 9 deste mês, na qual o coletivo Opavivará! vai convidar o público a nadar na icônica piscina do parque entre frutas tropicais. Até 2 de junho. EAV Parque Lage. Rio de Janeiro, RJ, eavparquelage.rj.gov.br



EMBATES E PURISMOS

MOSTRAS NO RIO DE JANEIRO, EM SÃO PAULO E MILÃO
FALAM SOBRE ENCONTROS E DESENCONTROS, ENQUANTO
AS MELHORES EXPOSIÇÕES DE LONDRES E OSLO PESQUISAM
A ESSÊNCIA DAS MATÉRIAS-PRIMAS, CORES E FORMAS
POR BETA GERMANO

POBRE OBRA RICA

Já é sabido que os protagonistas da arte povera radicalizaram a cena artística ao defender, desde os anos 1960, a busca por materiais "pobres" e não tradicionais – pense em areia, sacos plásticos, jornais, cordas, trapos e feltro. Tudo fazia sentido em uma época de contestação, mas a exposição *Poor Art - Rich Legacy* vai adiante: apresenta, além de obras de nomes relevantes do movimento, como Giuseppe Penone e Michelangelo Pistoletto, uma nova geração de artistas interessada pelas matérias-primas à deriva na sociedade de consumo. É o caso da jovem Ida Ekblad, que dá sobrevida aos restos descartados pela cultura contemporânea ao fazer pinturas e esculturas como *Sacrament (à dir.)*. Até 28 de fevereiro de 2016. The National Museum, Oslo, Noruega; nasjonalmuseet.no

Foto: Andréa Tavekê, Inachas de Jia Dikadi, Krietas
Destaque grupo de esculturas de Juha Huuhtoni e covação

44 CASAVOGUE.COM BR



CW&A
COMUNICAÇÃO

EXPOSIÇÕES

'ENCRUZILHADA'

Cruzamentos no Parque Lage

Mostra com cem obras, incluindo trabalhos de artistas consagrados, abre série com curadores convidados

BRUNO CALIXTO

brunocalixto@oglobo.com.br

Transformar a estrutura de uma escola de arte em um modelo mais dinâmico parece uma situação de impasse? Em busca da resposta, Bernardo Mosqueira chegou à mostra "Encruzilhada", em cartaz desde terça-feira no Parque Lage.

— Da perspectiva do alu-

no-artista, o aprendizado é uma sequência de encruzilhadas — diz Mosqueira, primeiro convidado do projeto "Curador visitante", que vai convocar curadores residentes no Rio e atuantes no circuito da arte para que acompanhem a produção dos alunos da EAV e promovam uma exposição mesclando seus trabalhos com os de artistas



já reconhecidos.

Nesta edição inaugural, cem obras de 70 artistas brasileiros ocupam o palacete, as cavalariças, a capela, a torre, a gruta, a lavanderia dos escravos, as trilhas e a área verde do Parque Lage, com performances e palestras aos sábados.

Peças de nomes consagrados, como Antonio Dias, Cao

Guimarães, Carlos Vergara, Cildo Meireles, Marcos Chaves e Waltercio Caldas, estão no conjunto. Bernardo Mosqueira convidou para assistente o estudante Ulisses Carrilho. O projeto terá ainda mostras organizadas por Bernardo de Souza, Luísa Duarte, Daniela Labra (ambas críticas de arte do GLOBO) e Marta Mestre. ●

PARQUE LAGE

Cobertura de Imprensa: Jornal do Rio

O Globo – Segundo Caderno Edição Nacional 23/5/2015

rioshow

OS DESTAQUES DE HOJE DA PROGRAMAÇÃO CULTURAL

Performances 'Encruzilhadas'

'Happening' no Parque Lage

Evento no Parque Lage é sinônimo de *happening*. Desde que a mostra "Encruzilhada" foi aberta por lá, em 28 de abril, uma série de performances ocupa o espaço, onde cem obras de 70 artistas brasileiros (entre eles Antonio Dias, Carlos Vergara, Cildo Meireles, Marcos Chaves e Waltercio Caldas) estão em cartaz até 2 de junho. Sempre rola bochicho. Hoje, até gente pelada tem. É na performance "Puxador-Paisagem H=c/M=c", de Laura Lima, que amarrou faixas, com dois mil metros de comprimento, em árvores. As cordas saem da floresta, atravessam a janela e invadem o salão nobre, puxadas por um homem nu. Segundo o curador Bernardo Mosqueira, o trabalho é um bom retrato da mostra:

— O objetivo é entender a encruzilhada não como impossibilidade, mas como transformação. Odayara Mello também tira a roupa, mas na

sombra. Na gruta, ela costura seus antigos dreads nos pelos pubianos. A programação inclui ainda a performance de Elisa Castro que, sentada no terraço, conversa com as pessoas e oferece comidas usadas em sessões de despacho. Também no palacete, Maya Dikstein projeta a sombra de uma linha que se enrola em seu corpo. Perto dali, o visitante tem a chance de lançar caquis no russo Fyodor Pavlov-Andreevich, sentado numa cadeira sobre um pedestal. Inspirados em feiras realizadas por índios na América pré-colombiana, os coletivos Grupo UM e OPAVIVARÁ circularão pelo parque com colares feitos de moedas de cerâmica, que trocarão por objetos pessoais do público. Para fechar os trabalhos, um grupo de artistas da Agência Transítiva conversa sobre as dificuldades do setor artístico.

(Bruno Calixto)



ONDE: Parque Lage, Rua Jardim Botânico 414 (3257-1600).

QUANDO: Sáb, das 8h às 19h. **QUANTO:** Grátis.

CLASSIFICAÇÃO: Livre e 16 anos (a performance de Laura Lima).

FOTOS DE PEDRO AGILSONICA LAGE



PERFORMANCES
No terraço, comida de despacho, no salão, homem nu

PARQUE LAGE

Cobertura de Imprensa: Jornal do Rio

O Globo – Segundo Caderno Edição Nacional 20/6/2015

'A mão negativa'

ARE SOB O VERNIZ DA FICÇÃO CIENTÍFICA

Em exposição a partir de hoje no Parque Lage, o curador Bernardo José de Souza reúne 38 artistas para compor um universo que joga com o tempo ao mesclar imagens do futuro e vestígios do passado

Nave Barros
naojglobo.com.br

"Aqueles que sobreviverem à grande onda no verão de 2014 não poderão fazer face, no ano seguinte, às térridas temperaturas que assolaram capivaras, macacos e homens sem fazer distinção. Homens buscam refúgio, por esse cotidiano, de tamanho e irremediável calamidade pública, um fútil urbano sem precedentes, até, se o Gênesio Romano osaria especular coisa igual." Ficção científica? Sim, mas não um trecho de novo livro do gênero — trata-se da abertura do texto de Bernardo José de Souza para introduzir o público à exposição 'A mão negativa'. A mostra, cuja curadoria é de autoria e que será inaugurada hoje, às 19h, no Parque Lage, leva o visitante a um projeto que se inspira em parte na literatura sobre esse universo, mas sempre levada em conta que, ao pintar um futuro imaginado, está se falando dos problemas políticos contemporâneos.

— A construção da História é uma ficção. O homem lança mão dessa ficção para construir uma realidade — diz Bernardo, que se inspirou no próprio espaço do Parque Lage para conceber a história dessa exposição. — Pensar o espaço do parque como uma espécie de sítio arqueológico expõe por distintas camadas o futuro distante. É um lugar onde, além da natureza "selvagem", há a arquitetura do palácio, que mistura eclosão do neoclássico a um edifício tropical, um jardim francês domesticado, a arquitetura lúxia da gruta, que é feita de concreto e um aquário que, como a gruta, imita a natureza. É um cenário que se relaciona com a tese do geógrafo Milton Santos de percepção do espaço como resultado da acumulação desigual de tempos — uma das referências de Bernardo. Outros é o curta-metragem "Les mains négatives" (1978), da escritora francesa Marguerite Duras, que acabou dando nome à exposição. O filme sobre as pinturas do período paleolítico descobertas no interior do vale do rio na caverna de Tucac, na França, será exibido em loop logo à entrada do cenário. O curador vê nele o momento em que o homem percebeu, através da pintura impressa como um estêncil sobre as paredes da caverna, que há um indivíduo, um ser único e singular, em meio ao coletivo. O filme, diz Bernardo, tem "3 condições de existência: o cotidiano e as distintas temporalidades que constituem este espaço".

RESOLUÇÕES DE CIVILIZAÇÃO

Nesse cenário, explica, as obras (mais de 50, de 38 artistas) não fazem necessariamente uma alusão direta à ficção científica, mas podem resenar resquícios de uma civilização — a nossa — para um visitante do futuro, terreno em experimento, que se depara com esses sinais. E o caso da instalação "Cadeira" (2015), de Rafael Rê, em que escavações, no entorno do parque, revelam, como vestígios arqueológicos, da nossa civilização, preservados desatendidos com sementes, fotografias documentais e documentos laboratoriais.

Em no primeiro caso encontram-se obras como "Topical malady" (2012), vídeo de dois irmãos italianos Tommaso de Luca, que imagina um mobiliário afetado por uma doença tropical, e que desenvolve anomalias. Ou dos artistas Basilio Herra Nurbaitate e Cintia Duzarte Pereira, que, juntamente com cineastas do seu país, constroem um rito laser de estrutura precisa que aponta, com seu calor, aspectos de animais.

Mas é no espaço das Câmaras que, segundo Bernardo, "o vernal se é fic mais claro". Ali, o curador dispõe uma série de fotos da série "On Ice" (1978), de Vera Chaves Barcellos, com poses — "torção uma tumbição", observa o curador



On Ice, Detalhe de 1978 "Topical malady" (2012), de Tommaso De Luca



Humano, Fotografia do sítio On Ice, de Vera Chaves Barcellos, exposta na Galeria

— em que a face humana desaparece sob as formas contornadas por tecido lúcido prateado. No mesmo local, Luiz Rogier está exibido dia vídeo — "mamãe", "Molde" (2014), o artista, com uma vestimenta para molde, meio kurtka, se relaciona com esculturas de Henry Moore, sem trabalho que, diz o curador, "subjetivo camaleão de tempo" ao lançar mão das mídias e do inventivo prop para levantar questões relativas à profundidade do olhar. Na mesma sala estão vídeos de Erika Verant, Cássio Lezant e Manoela Medeiros, esta última autora da escultura.

"A mão negativa" é a segunda mostra do programa Curador Visitante, pensada pela diretora da Escola de Artes Visuais, Lissete Lagoado, para integrar a produção de artistas consagrados à dos estudantes da EAV. Eles são convidados a partir do interesse e da afinidade com a proposta expandida pelos curadores a partir de cursos ministrados no local. Nessa edição, são oito os alunos — sete deles com obras e um, Ulisses Carrilho, atuando como curador-visitante. Um dos alunos-artistas, Alexandre Cavatini do Divino Amor criou uma espécie de cosmogonia crítica do devir, no vídeo "Super Rio" (2013) e numa série de dez pôsteres. O Rio do futuro também está presente nos projetos e vídeos arquitetônicos do arquiteto Sergio Bernardes para uma edificação especial da revista "Manchete" em 1962.

UMA DIA DE PERFORMANCES

No longo da mostra, haverá uma série de performances e exibições de filmes. Hoje, na inauguração, a partir das 19h, serão apresentadas "On Ice" (1978), de Vera Chaves Barcellos, e sete performances, de Susana Guardado, Rodolfo Furgali, Luciana Brites, Manoela Medeiros, Tarcísio Rivaldo e Cintia Duzarte Pereira. Uma ação do artista Maurício Landi, com duração de sete dias, 24 horas por dia, também será iniciada hoje.

Depois de "A mão negativa", o projeto Curador Visitante será exposto pelas salas por Lúcia Duarte, Daniela Labra (ambas críticas de arte do CLCB) e Marta Mestre. ■

'A MÃO NEGATIVA'
ONCE: Lucio de Ara, Vitoria do Parque Lage - Rio de Janeiro, 2014. Acervo Brasil (2012) R03
OARND. De hoje, às 19h (6), abertura, às 19h às 21h, quarta-feira. CLCB/RJ/01/15

Conte algo que não sei

'O laser é uma luz pura. E, por isso, muito hostil'

Elena Narbutaitė, artista

Lituana, que veio ao Rio mostrar sua arte na exposição coletiva "A mão negativa", no Parque Lage, afirma que a intuição aproxima a ciência e a arte

"Nasci na cidade de Vilnius, na Lituânia, em 1984, e participei de mostras coletivas e individuais nos últimos anos em lugares como Vigo e Buenos Aires. Expus no pavilhão da Lituânia e do Chipre, na Bienal de Veneza de 2013. Trouxe a obra 'India Lamp' para o Brasil, que funciona à base de bateria solar"

ENTREVISTA:

MATEUS CAMPOS
mateus.campos@oglobo.com.br



• Conte algo que não sei.

Dizer algo novo poderia ser perguntar quando se descobriu o humor, pergunta que carrega um sentido de novidade, pois a resposta baila no ar e não pode ser dada precisamente. Mesmo que você tente lembrar o momento quando o humor se tornou uma nova experiência, a memória falha e as respostas são inventadas. A pergunta tem pouco a ver com história e memória, e muito com a natureza da invenção e da descoberta em tempo real.

• Qual foi a gênese de "India lamp", obra trazida ao Rio?

Sabia que a exposição seria num parque, pensei em clima tropical e imaginei uma máquina autossustentável como uma planta. Ela é alimentada por bateria solar e emana um raios infravermelho em linha reta. Só os animais do parque, como cobras e mosquitos, podem vê-lo. Cedi aos apelos dos engenheiros que trabalham comigo e reclamavam que ninguém ia ver nada e adicionei um laser que dispara um flash ultravioleta.

• Ao trabalhar com o invisível, você questiona a percepção humana de realidade?

Sabe, até começar a trabalhar com o laser, não havia percebido que lidaria com invisibilidade ou percepção. Precisei lidar com essas questões, quando me interessei por esse tipo de material. Eu não estava particularmente interessada na ciência da luz, mas em histórias da vida. E elas foram me conduzindo até esse assunto, até a ciência.

• Arte e ciência se casam?

Um dos cientistas com quem trabalho certa vez me disse algo revelador sobre isso. Para ele, a precisão é fundamental. Afinal, estuda física e matemática. Mas, na sua opinião, bons cientistas devem ter habilidade e liberdade para prever. Devem ser intuitivos, mesmo quando isso parecer estúpido e pouco provável. Pois, do contrário, não haveria invenções. De certa forma, isso faz ciência e arte se aproximarem. Afinal, a arte vem de algo não muito lógico. Por isso, elas estão unidas desde a origem.

• Nos anos 1990, o cantor brasileiro Chico Science disse: "Computadores fazem arte. Artistas fazem dinheiro". Você concorda?

Acho que sim. E acho também que poderia concordar com algo completamente oposto (risos). Ele colocou "ciência" em seu nome artístico? Preciso conhecer as músicas dele!

• Como o laser passou a fazer parte do seu processo?

O laser é uma luz muito pura. E, por isso, muito hostil. Tanto que é bem usado na guerra. No começo, tive receio. Estava precisando de um material leve. Procurei um amigo engenheiro que lida com estruturas de papel. Ele me disse: "Não seja estúpida. Papel é muito pesado. Você está no século XXI. Eu sei a resposta, mas não vou dizer". Algum tempo depois, me dei conta de que ele se referia ao laser.

• Como é a produção artística da Lituânia nos dias de hoje?

Temos uma cena particularmente jovem, muito por conta

de nossa história. A Lituânia, que ressurgiu com o fim da União Soviética, tem apenas 25 anos como um país que pratica uma economia de mercado.

Para mim, o melhor da nossa cena artística é o fato de estarmos produzindo sem qualquer tipo de ordem. Não existe uma tradição. Ela está sendo inventada ou jamais existirá.

• Essa falta de tradição pode ser benéfica?

Mesmo que, às vezes, pareça uma bagunça, eu gosto disso. Você sente que tem mais liberdade e menos responsabilidade para criar. O que é sempre muito mais fácil para um artista.

• O que é arte para você?

A arte é um jeito de lidar com a vida, um dos muitos jeitos de falar com os outros. Todo mundo se interessa por algo na vida. Alguns por dinheiro e números, então estudam economia ou coisas do tipo. Penso que, quando você se interessa por entregar certo tipo de mensagem, a arte pode ser um bom caminho.

PARQUE LAGE

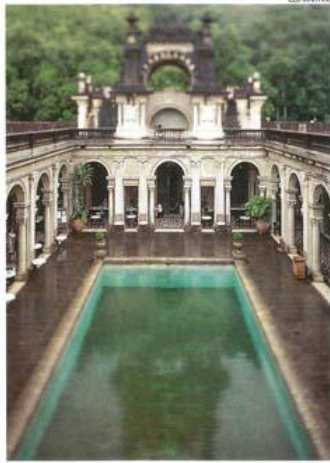
Cobertura de Imprensa: Suplemento Semanal

O Globo – Revista O Globo Edição Nacional 28/6/2015

REVISTA O GLOBO 28 DE JUNHO DE 2015

9 MERGULHO 'ARTSY'

De 1 a 17 de julho, o Parque Lage (ao lado) sedia o Imersão Inverno, que terá diversas atividades abertas ao público, como palestra do crítico Paulo Sérgio Duarte, tertúlia com os poetas e artistas Cabelo e Chacal e aula magna de Laymert Garcia dos Santos. O projeto é bancado pelo FYI Art Festival, que ocupa o casarão no dia 4 de julho com instalações de Helô Duran e Isis Passos, da Domina, cenografia de Peú Mello e apresentações de nomes da nova geração da música, como o duo Opala (leia-se Lucas Paiva e Maria Luíza Jobim) e o DJ Wladimir Gasper (fotos menores). "O inverno tem uma expectativa sensorial diferente que combina com o espaço do Parque Lage e com a ideia de som, imagem e movimento. Fora o tom cosmopolita e boêmio que a estação permite", diz Renata Simões, diretora de estilo da FYI.



LEO MARTINS



DIVULGAÇÃO/REPO



DIVULGAÇÃO

10 SOCIEDADE DOS POETAS 'CALIENTES'

Entre os lançamentos da Festa Literária Internacional de Paraty (Flip), que começa nesta quarta-feira e vai até domingo, um livro revela o lado sacana dos poetas nacionais. A "Antologia da poesia erótica brasileira" (Ateliê Editorial), organizada por Eliane Robert Moraes, é fruto de uma pesquisa de dez anos e traz poemas eróticos de autores como Gregório de Matos, Carlos Drummond de Andrade e Arnaldo Antunes – cobrindo 400 anos da literatura nacional.

11 SACO CHEIO

Os sacos de dormir em forma de tubarão (foto) ou com estampa de monstrinhos roubam a cena em qualquer festa do pijama. E, vamos combinar?, nem precisa de um evento para se enfiar dentro de um e passar uma noite bem quentinha. O modelo ao lado é da Fábula e o de monstros da BB Básico. As Lojas Americanas têm kit completo: mochilinha com saco de dormir, travesseiro e lanterna.



DIVULGAÇÃO

12 ACIMA DO TOM

ACIMA DO TOM

A Pantone cantou a pedra: a cor do ano é Marsala. Mistura de marrom (sempre invernos) com vermelho (imbatível) o tom já é o queridinho nos salões cariocas. "É um esmalte que atende a todos os gostos, sua tonalidade provoca a diversidade e é elegante", observa Carla Ferrari, da Esmalteria Social Club. Como nome de esmalte é sempre uma atração à parte, anote: In Stitches, da Essie, Exception, da Chanel, o Mauve Urban, da Colorama, são algumas dicas.



DIVULGAÇÃO

REVISTA O GLOBO 28 DE JUNHO DE 2015

BELEZA: ROGÉRIO BRUNET/FOTO: DANIEL MARENCO



13 MORO NUM PAÍS TROPICAL

Frio que é bom nada. Inverno à carioca combina com poucos acessórios "temáticos": um cachecol ali, uma bota acolá. Este ano, as meias-calças coloridas prometem sair do armário. "Aquele coisa de apostar numa meia-calça pink que ela vai levantar o astral. Dar um choque de cor é um excelente truque de estilo", sugere o estilista Dudu Bertholini. As modelos Viktoria Skróder, Martha Bianchi e Julie Angel (foto) estão ali para exibir as pernoças e mostrar como as cores fortes têm tudo a ver com a estação.

14 PELE DE VELUDO

Uma palavra pequena anda causando frisson na fantástica fábrica de beleza: "blur". Ou, em português, borrão. Lançado por marcas como La Roche-Posay (foto) e Lancôme, entre outras, o produto chega para desbancar o BB Cream com a promessa de deixar a pele aveludada. Cai como uma luva no inverno, né?



DIVULGAÇÃO

15 DANDO GELO

O poeta Omar Salomão embulhou uma pedra de gelo para a exposição "Nebula – A sombra das nuvens manchando a cidade", em cartaz no Oi Futuro de Ipanema até 16 de agosto. Na obra "Apegar ou como guardar um cubo de gelo para sempre", ele isolou o gelo a vácuo com silver tape.



DIVULGAÇÃO/FEEDBACK DE SOUZA

16 TREM BOM

Quentinho como sempre, mas turbinado como nunca. No Puro, no Jardim Botânico, o pão de queijo é recheado com permil suculento e ervas frescas. No Riso Bistrô, em Ipanema, é servido com carne-seca (foto).

PARQUE LAGE

Cobertura de Imprensa: Revista do Rio Dasartes Edição Nacional Julho de 2015

RESENHAS

Encruzilhada

Parque Lage - RJ | 28 de abril a 2 de junho
Por Isabel Sanson Portella

Pudesse eu não ter laços nem limites
Ó vida de mil faces transbordantes
Para poder responder aos teus convites
Suspensos na surpresa dos instantes!

Sophia de Mello Breyner Andreson
Poesia, antologia



O desejo de transformar, de revolver as ideias sedimentadas promovendo uma mudança de formas e conteúdos, foi certamente a força que impulsionou o curador Bernardo Mosqueira ao pensar a mostra *Encruzilhada* que inaugura, na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, o projeto *Curador Visitante*. A Escola, como ambiente de pesquisa, descobertas e experimentações, proporcionou ao curador a possibilidade de confrontar o estudante com artistas já consagrados e assim projetá-lo para fora da sua zona de conforto. Buscou analisar e construir coletivamente conhecimentos e propostas, tentando descobrir em que encruzilhada o homem se encontra atualmente. Mais do que um tema, Mosqueira procurou produzir um espaço para o pensar, para a criação de um objeto que refletisse a pesquisa e as ideias dos artistas. Talvez uma análise do momento político do país, da crise ecológica mundial, dos diferentes aspectos do preconceito, sem, no entanto, criar uma metáfora.

o conjunto de poesias e fotografias que originaram a exposição, dividindo-se em seis partes: *urbanos*, *coletânea do desassossego*, *melodia do pensamento*, *tráfego de ilusões*, *insônia e crônica* e *harmônica*. Na exposição, fotos se misturam com poemas de cada eixo, ampliando significados. A mostra ainda pode ser conferida no Rio de Janeiro, entre 17 de julho e 25 de setembro, no Ateliê da Imagem.

A importância simbólica da encruzilhada é universal. Liga-se à situação de cruzamento de caminhos que a converte em uma espécie de centro do mundo. É, conseqüentemente, um lugar de passagem, que leva à pausa e à reflexão. Nas regiões de florestas, sobretudo na África, assume a importância de lugar sagrado onde se realizam rituais de purificação, onde se acredita possível invocar a proteção dos espíritos, principalmente nos momentos importantes da vida coletiva. É igualmente um lugar de encontro com o outro, o interior e o exterior. E a verdadeira aventura humana consiste nessa parada diante dos vários caminhos que se apresentam, na escolha de novas possibilidades, com a consciência de que as escolhas são irreversíveis.

A exposição inclui 115 trabalhos de 74 artistas que se espalharam nos diversos espaços do Parque Lage. Cavalariças, salas do Palacete, Capela, Gruta, jardins e floresta foram ocupados por obras que dialogam de alguma forma com situações em que se faz imperativa uma tomada de decisão, que investigam possibilidades e formas de transformações políticas, sociais e culturais. Manifestações políticas e o jogo de dados, o carnaval, o capital/a capital, o congresso pegando fogo, ônibus pegando fogo, uma cidade tomada pelo fogo cruzado, o trânsito, o flerte, a pornografia, a natureza, as raízes e folhas... são encruzilhadas que se apresentam à luz de novas leituras e discussões. Performances e trabalhos nas áreas externas do parque evocam a força que nos leva a dar o próximo passo.

E, como afirma o curador Bernardo Mosqueira, "quanto maior e mais positiva for a transformação, mais forte é a exposição (...) que deve semear e tornar possível a elaboração de processos de reflexão." *Encruzilhada* é, certamente, a exposição da força de um trabalho que procura ser inovador.

PARQUE LAGE

Cobertura de Imprensa: Jornal do Rio

O Globo – Segundo Caderno Edição Nacional 16/7/2015

rioshow

OS DESTAQUES DE HOJE DA PROGRAMAÇÃO CULTURAL

Performances 'Imersão inverno'



Ajuntamento poético

Fausto Fawcett, Chacal e Siri têm um encontro marcado com o público no projeto que reúne leitura, performances, recitais e visitação à mostra "A mão negativa", no Parque Lage. Destaque para o capixaba Cabelo (foto), que, às 20h, recitará poemas, funks e raps de sua autoria, além de versos de Gerardo Melo Mourão, Charles Baudelaire e Torquato Neto.

ONDE: Escola de Artes Visuais do Parque Lage (EAV). Rua Jardim Botânico 414, Jardim Botânico (3257-1800). **QUANDO:** Qui, das 18h às 21h. **QUANTO:** Grátis. **CLASSIFICAÇÃO:** Livre.

PARQUE LAGE

Cobertura de Imprensa: Revista de S. Paulo
Select Edição Nacional Agosto de 2015



ESPAÇOS DE ARTE E NATUREZA

Nos altiplanos chilenos, em localidades remotas da Amazônia, na Serra da Bocaina ou no coração da Floresta da Tijuca, artistas, curadores e educadores se engajam em projetos de residências e iniciativas pedagógicas que buscam resgatar sabedorias ancestrais e ensinamentos da natureza

PAULA ALZUGARAY, GUILHERME KUJAWSKI E MÁRION STRECKER

SELECT ART BR • ABO/SET 2015

72 EAV DO PARQUE LAGE

ATIVIDADES TOMAM OS JARDINS E A MATA DA FLORESTA DA TIJUCA

De caráter livre e experimental, a Escola de Artes Visuais do Parque Lage, no Rio de Janeiro, completa 50 anos de atividades culturais e tensões permanentes. Ocupando um espaço de 523 mil metros quadrados em plena Floresta da Tijuca, na encosta do Morro do Corcovado e aos pés do Cristo Redentor, é vizinha da Lagoa Rodrigo de Freitas. No Brasil Colônia, o local era dominado pela cana-de-açúcar. O engenho de Fagundes Varela foi comprado em 1620 por Rodrigo de Freitas de Mello Castro. Em 1809, foi desapropriado pelo príncipe dom João. Na década de 1840, um nobre inglês, cujo nome escapa aos registros históricos, contratou o também inglês John Tyndale para transformar o antigo engenho numa quinta, com os jardins geométricos ao gosto europeu. Em 1859, Antônio Martins Lage comprou a propriedade. Em 1920, Henrique Lage contratou o arquiteto Mário Vodrel para projetar a mansão para agradar à mulher, a cantora lírica italiana Gabriella Besanzoni. O casarão eclético, que é cenários de festas memoráveis até hoje, tem azulejos, ladrilhos e mármore italianos e pinturas decorativas de Salvador Payóls Sabaté nas paredes e tetos.

Endividado, Henrique Lage entregou a propriedade que o Instituto Florestal determinou tomar como patrimônio histórico e paisagístico. O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) realizou o tombamento, desapropriando a área para a construção de um parque público. Filmes como Terra em Transe (1967), de Glauber Rocha, e Macunaimá (1969), de Joaquim Pedro de Andrade, usaram o local como cenário.

A Escola de Artes Visuais foi criada em 1975, em pleno regime militar, pelo Departamento de Cultura da Secretaria de Estado de



Puxador-Paisagem H+c/ M+c, 1998/1999, obra de Laura Lima apresentada na exposição Encruzilhada, em abril de 2015

Educação. Espaço de resistência, teve Rubens Gerchman como seu primeiro diretor. Nelson Leirner, Eduardo Sued, Anna Bella Geiger, Frederico Moraes e Daniel Senise estão na vasta lista de célebres professores que a escola já teve. Em 1976, o parque tornou-se domínio da União, que o cedeu, em 1977, ao IBDF, antecessor do atual Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama), para ampliação do vizinho Jardim Botânico. Em 1983, a escola realizou a histórica exposição Como Vai Você, Geração 80? Em 1984, o muro que cerca o parque foi liberado aos artistas. Em 1986, áreas internas e externas foram usadas na exposição intitulada Território Ocupado. Em 1989, a escola fez a primeira individual de Arthur Bispo do Rosário (1911-1989).

Em 1991, ameaçada de despejo, depois de um período de manifestações e negociações, a escola foi autorizada por decreto a permanecer ali e estender suas áreas aos jardins. Atualmente, administrada pela organização social Oca Lage, vemos atividades didáticas, criativas e expositivas tomarem os jardins, a antiga lavanderia dos escravos, outros marcos da história do local e a própria mata, re-florestada durante o Segundo Reinado. A escola está mais uma vez preocupada com uma prática artística comprometida com o mundo contemporâneo. Isso inclui a floresta. **MS**

SELECT ART BR • ABO/SET 2015

Conte algo que não sei

'Hoje, xamanismo é alta tecnologia de acesso'

Laymert Garcia dos Santos, cientista da informação

Doutor pela Sorbonne e estudioso dos ianomânis, paulista que montou ópera com cosmologia indígena em Munique veio ao Rio para aula na EAV Parque Lage

"Nasci numa cidade que mal conheço, Itápolis, mistura de pedra em guarani ('ita') e cidade ('polis'), em grego: um pouco da essência brasileira. Estudei no Rio e passei décadas na França. No Brasil, lecionei muitos anos, trabalhando relações entre tecnologia, cultura, ambiente e arte. Sou casado, tenho um filho patologista"

ENTREVISTA A:

ARNALDO BLOCH
arnalob@oglobo.com.br



• **Conte algo que não sei.**
Hoje, o que a gente considerava o sobrenatural indígena, o xamanismo, é uma alta tecnologia de acesso a mundos virtuais, com lógicas que não são ocidentais, mas, no final, acabam chegando, cada vez mais, a uma espécie de cruzamento com a perspectiva tecnocientífica racional.

• **Em que ponto se dá esse cruzamento?**
A ciência já sabe que existe, na Amazônia, um apocalipse anunciado, se a devastação persistir. Há um milênio, os ianomânis falam de um apocalipse mítico: quando não houver mais xamãs, o céu vai cair, pois são eles que seguram o céu junto com os espíritos auxiliares *lumantimãs*.

• **As profecias convergem para a ecologia de ponta.**
Sim. E, na ópera que fizemos, essas duas perspectivas acabam convergindo para um final catastrófico. Na perspectiva ianomâni, o homem branco é inumano, um vetor de

destruição, e produz a *xawara*, espécie de fumaça canibal, que vai devorando florestas, espalhando doenças e epidemias, contaminando rios.

• **Deve ser complexo transportar uma cosmologia dessas para os palcos de Munique.**
Ficamos um tempo na aldeia Demini, semi-isolada, e trabalhamos com os xamãs em parceria com o Instituto Goethe, o Sesc São Paulo, o ZKM (maior centro de arte e tecnologia da Europa), a Bienal de Teatro Música de Munique e gente da comunidade científica.

• **Como levar o espírito da aldeia a uma cena de ópera?**
Depois de todo o trabalho conceitual na aldeia, chegamos a uma encenação do conflito entre a *xawara* e o xamã. O público assistia circulando no próprio palco, um labirinto. O xamã era representado por Christian Zehnder, cantor suíço que já trabalhou na África e na Ásia e é um dos raros no mundo a usar a técnica do *voic*

ce over, que permite emitir duas vozes ao mesmo tempo, recurso gutural. Quem fazia a *xawara* era um grande cantor de jazz, o inglês Phil Minton, de idade já.

• **E a tal da tecnologia, era só coadjuvante da tragédia?**
Num espaço comprido, se dispunha uma sequência de telas onde eram projetadas imagens e luzes que traduziam os fenômenos da selva através de algoritmos. O público ficava perdido na "floresta," o xamã numa ponta, a *xawara* na outra, além de um político, um missionário e um cientista.

• **Os ianomânis a assistiram?**
A maioria, não. A ópera não foi feita para eles. Mesmo assim, o chefe Davi Kopenawa e dois xamãs foram a Munique.

• **E como reagiram?**
Primeiro, ficaram satisfeitos com o fato de um público tomar conhecimento, de maneira séria, do que são a cosmologia e o pensamento deles. O caráter es-

tratégico. Mas, da apresentação em si, eles riram: acham que arte é coisa de criança, não é o sentido profundo do fenômeno. Que aquela ópera era uma brincadeira perto do xamanismo. Um professor de Filosofia percebeu aí uma simetria: os brancos acham os índios infantis por suas crenças, e eles nos acham infantis por nossas representações de sua realidade.

• **O que a experiência trouxe a sua vida pessoal?**
No começo dos anos 2000 presidi uma ONG que lutou pela defesa e preservação do território ianomâni. Estar com eles ajuda a gente a entender não só o que é o outro, mas o que somos. É um tipo de privilégio. Pena que pouca gente teve ou tem um contato de pura positividade com esse mundo, que, para nós, é quase sempre vivido na esfera do negativo, pela educação que nós temos, pela tradição histórica do modo como os brasileiros tratam os índios. No Japão, seriam seres preciosos, sagrados.

PARQUE LAGE

Cobertura de Imprensa: Jornal do Rio

O Globo – Segundo Caderno Edição Nacional 11/9/2015



Gente Boa

CLEO GUIMARÃES

Email: genteboa@oglobo.com.br e Blog: <http://blogs.oglobo.globo.com/gente-boa/>
COM MARIA FORTUNA E FERNANDA PONTES

Estrela que sobe

Diretor do MAR, **Paulo Herkenhoff** comprou anteontem na ArtRio uma obra de **Yan Braz**, estudante da Escola de Artes Visuais do Parque Lage, para o acervo do museu. O curador ainda marcou três outros trabalhos (de Anna Bella Geiger, R\$ 12 mil; **Lygia Pape**, R\$ 15 mil, e artista do catalão Antoni Muntadas, US\$ 18 mil) com o “wish list” — um selo branco, espécie de atestado de qualidade, que indica aos colecionadores o interesse do museu por aquela obra.

PARQUE LAGE

Cobertura de Imprensa: Revista de S. Paulo

Casa Vogue Edição Nacional Setembro de 2015

ANTENA EXPO

DEIXA A FESTA ACABAR

Vivemos, de fato, uma ressaca pós-utópica. É sobre isso que Luisa Duarte e 40 artistas falam em *Quarta-feira de Cinzas*. "Não é, entretanto, uma exposição passiva. Gosto de pensar no conceito da ruína como ativação e no tempo acelerado e ziguezague - ao contrário do tempo linear e da ideia de progresso", explica a curadora, que escolheu criadores inspirados pela consciência do fim do sonho moderno (principalmente na arquitetura) como André Komatsu e Lais Myrrha. Entre as obras feitas para a mostra, destaque para *Mão no fogo (foto)*, de Matheus Rocha Pitta, que será instalada na gruta do Parque Lage. Colecionador de recortes de jornal, ele selecionou imagens de protestos envolvendo fogo que só serão visualizadas com ajuda de velas - propõe, assim, discussões sobre política, religião e rituais, e faz referência à caverna de Platão. Até 8 de novembro. Parque Lage, Rio de Janeiro, eavparquelage.rj.gov.br



PARQUE LAGE

Cobertura de Imprensa: Revista de S. Paulo

Azul Magazine Edição Nacional Setembro de 2015

◆ 4 CANTOS | EXPOSIÇÃO

ARTE EM FOCO

ART IN FOCUS

SAIBA MAIS SOBRE OS DESTAQUES
DE MUSEUS E ESPAÇOS CULTURAIS
FIND OUT MORE ABOUT THE OUTSTANDING
MUSEUMS AND CULTURAL SPACES

Por/By **LUIZA VIEIRA**



Depois da festa

When the party's over

Matheus Rocha Pitta (foto), Karim Aïnouz e Rivane Neuenschwander são alguns dos 25 artistas cujas obras compõem *Quarta-Feira de Cinzas*. A exposição, que será inaugurada no dia 9 deste mês, joga luz sobre a aceleração do tempo e as consequências de uma época pós-utópica – o título faz referência ao saudosismo ao fim de cada carnaval. Até 8 de novembro. Matheus Rocha Pitta (photo), Karim Aïnouz and Rivane Neuenschwander are some of the 25 artists whose works comprise *Quarta-Feira de Cinzas* (Ash Wednesday). The exhibit, inaugurated on the 9th of this month, sheds light on the acceleration of time and the consequences of a post-utopian age – the title refers to the nostalgia that comes into play at the end of every Carnival. Up to November 8th.

PARQUE LAGE, R. JARDIM BOTÂNICO, 414, JARDIM BOTÂNICO, RIO DE JANEIRO. DIARIAMENTE, DAS 10H ÀS 17H. GRÁTIS. ☎ 21 32671800 • EAVPARQUELAGE.RJ.GOV.BR

PARQUE LAGE

Cobertura de Imprensa: Jornal do Rio

O Globo – Segundo Caderno Edição Nacional 9/9/2015

Outras exposições ALÉM DO PÍER MAUÁ

Realização da ArtRio aglutina, no mesmo período, uma série de mostras pela cidade, a maioria coletivas reunindo artistas de diferentes linguagens

LUÍZA GOULDS
luiza.goulds@oglobo.com.br
NANA RUIBEN
nana@oglobo.com.br

No rastro da ArtRio, várias exposições estão programadas para esta semana na cidade. Algumas estão explicitamente ligadas ao evento que acontece no Pier Mauá, aproveitando o movimento em torno da feira

para atrair os visitantes, muitos colecionadores e curadores estrangeiros. É o caso da ArtRua, cujos trabalhos se giram em torno do grafite, da Bhering, fábrica hoje ocupada por artistas, com portas abertas neste fim de semana, e da "Ocupação Mauá", mostra num galpão desativado, todos na zona portuária. — A ruína é lindíssima e espero que continuemos a usá-la, sinto falta de um espaço de experimentação e investiga-

ção — diz o artista Carlos Vergara, um dos participantes da Ocupação Mauá, que leva, com Zanini de Zanini um laboratório ao local, aberto no mesmo período da ArtRio.

Outros, como os projetos Curador Visitante, no Parque Lage, e Respiração, na Eva Klabin, fazem parte do calendário das instituições. Luíza Duarte, curadora de "Quarta-feira de Cinzas" no Parque Lage, convidou 27 artistas, a maioria de

sua geração, para compor a mostra, prosseguimento de uma pesquisa que faz há anos sobre desdobramentos da época pós-utópica vivida pela Humanidade.

— A exposição fala de um tempo em que a gente corre mas parece não sair do lugar — diz ela, que destacou, entre outras obras, o vídeo "Leitmotiv", de Cinthia Marcelle, em que mãos, empunhando rodos, empurram a água para o centro, acumulando-a, em vez de escorrê-la, numa operação lidada ao fracasso.

Há ainda a segunda edição do projeto OIR (Outras Ideias para o Rio), que instala, a partir de sábado, duas grandes obras em locais públicos do Rio, abertas à intervenção do visitante. O "Travessias 4", no Complexo da Maré, faz sua quarta edição na favela, levantando nomes como o carioca Eduardo Coimbra e a gaúcha Regina Silveira. E duas instituições privadas, a Casa Dardos e a Fundação Eva Klabin, abrem novas mostras nesta semana. ■



"Quarta-feira de Cinzas"

Com curadoria de Luíza Duarte, a terceira mostra da série Curador Visitante será aberta hoje, no Parque Lage, reunindo 40 obras de 27 artistas, entre elas as inéditas "Mão no fogo" (acima), de Mathias Rocha Pitta, feita para a gruta do parque, e as séries fotográficas "Espéria", de Mauro Restif, e "O medo do medo (de que fever)", de Flavio Neunerschwander.



"Travessias 4"

Parceria do Observatório de Favelas com a produtora Automatica, a mostra, que ocupa o Galpão Bela Maré entre os dias 12 e 14, reúne obras centradas na Maré de nomes consagrados como Regina Silveira e Eduardo Coimbra, e projetos de artistas como a pernambucana Marie Carangi e o italiano Antonello Veneti (autor da foto acima).



"Ocupação Mauá"

A produção de artistas brasileiros é o destaque da mostra coletiva que ocupa um antigo prédio em frente aos armazéns da ArtRio. O espaço, que será aberto ao público pela primeira vez após dez anos, reúne obras de 18 artistas. Eles dividem a área de 2 mil m² com nomes que fazem parte da Coleção BGA – Brazil Golden Art, de arte contemporânea.



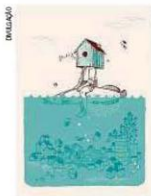
"Ficção y fantasia"

Derradeira exposição a ser inaugurada na Casa Dardos, que encerra suas atividades em dezembro, a mostra curada por Hans-Michael Herzog e Katrin Steffen apresenta 130 trabalhos de 15 importantes artistas cubanos, entre eles Los Carpinteros (autores da obra "Granada de mão", ao lado), José Bedia e Tania Bruguera.



"Eduardo Berliner - A presença da ausência"

Em sua 20ª edição, o bem-sucedido Projeto Respiração, de intervenções no acervo da Fundação Eva Klabin, apresenta pela primeira vez um pintor. O curador Marcio Doctors convidou Eduardo Berliner para criar na casa-museu da Lagoa. A partir de sexta-feira, o público poderá ver obras como o trabalho ao lado, em água sanitária sobre veludo, ou ainda pinturas sobre um biombo de madeira.



ArtRua

A arte urbana domina o Centro Cultural Ação da Cidadania, na quinta edição da ArtRua. Neste ano, entre 10 e 13 de setembro, artistas paulistas homenagearão seu estado, importante berço do grafite, em sete painéis. Murais pintados na hora nos arredores do Centro também deixarão um legado à Zona Portuária. O Rio será representado por galerias e mostras individuais, com trabalhos de nomes como Mateu Velasco (à esquerda).



OIR - Outras Ideias para o Rio

O projeto com curadoria de Marcello Dantas faz nova edição a partir de sábado, com instalações interativas em dois pontos da cidade. Na rotunda do CCBB, "My city" (acima), do chinês Song Dong; e no Parque Dois Irmãos, no Leblon, "A cabana explodida", do francês Daniel Buren. Uma segunda etapa do projeto está programada para fevereiro de 2016.



Na Bhering

A antiga fábrica, hoje um celeiro da arte na região do Porto, recebe visitantes nesta fim de semana. "Os ateliês abrem as portas para que o público conheça os artistas", resume Luiz Felipe Lins, administrador do prédio. Na programação, performances de Vivian Caccari e projeção de fotos de Gabriela Noujaim, da série "Terras de Portugal" (ao lado).

PARQUE LAGE

Cobertura de Imprensa: Jornal do Rio

O Globo – Segundo Caderno Edição Nacional 1/9/2015

Gente Boa



CLEO GUIMARÃES

Email: genteboa@oglobo.com.br e Blog: <http://blogs.oglobo.globo.com/gente-boa/>
COM MARIA FORTUNA, FERNANDA PONTES E GUILHERME SCARPA

SER PORTELENSE É LINDO

PEDRO AGILSON/OCA LAGE/DIVULGAÇÃO



Samba. Marcio Botner, Marisa Monte e Ernesto Neto: tarde animada pela Portela, no Lage

Quem estava lá ouviu: até os passarinhos cantaram junto com a Velha Guarda da Portela, sábado, no meio do mato do Parque Lage. Diretor da Oca Lage, que administra o lugar, **Marcio Botner** ganhou beijo de Marisa

Monte e Ernesto Neto, e comemorou a parceria que arrecadou dinheiro para bancar a turnê da Velha Guarda e atividades da Escola de Artes Visuais do Lage. Como diz a letra de Monarco e Noca da Portela, “Ser portelense é lindo!”

PARQUE LAGE

Cobertura de Imprensa: Jornal do Rio

O Globo – Segundo Caderno Edição Nacional 16/9/2015

— **Gente Boa** —



CLEO GUIMARÃES

Email: genteboa@oglobo.com.br e Blog: <http://blogs.oglobo.globo.com/gente-boa/>
COM MARIA FORTUNA E FERNANDA PONTES

Calçada em três dimensões



REPRODUÇÃO

Arte. Banco
ficará em frente ao
Museu Histórico

Estudante da Escola de Artes Visuais do Parque Lage, **Jorge Claudio da Silva** é autor do projeto vencedor do Prêmio Tatuagem Urbana, que inclui uma calçada em três dimensões em frente ao Museu Histórico Nacional, como você vê na foto acima. A prefeitura vai tirar o projeto do papel até o final deste mês.

PARQUE LAGE

Cobertura de Imprensa: Jornal do Rio

O Globo – Segundo Caderno Edição Nacional 30/9/2015

Gente Boa



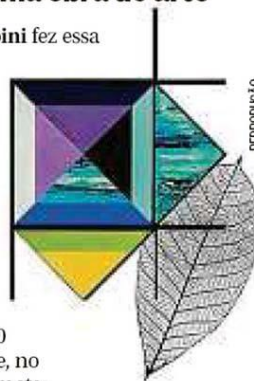
CLEO GUIMARÃES

Email: genteboa@oglobo.com.br e Blog: <http://blogs.oglobo.globo.com/gente-boa/>
COM MARIA FORTUNA E FERNANDA PONTES

O convite é uma obra de arte

O artista **Luiz Zerbini** fez essa gravura ao lado especialmente para os 40 anos Escola de Artes Visuais do Parque Lage — e quem comprar o ingresso (R\$ 1.500) para o festão que vai celebrar a data, ganha uma das 140 impressões. A noite, no próximo dia 7, promete:

Marisa Monte, Arnaldo Antunes e Arto Lindsay, que abriram mão de cachês, farão show à beira da piscina do Lage. O dinheiro arrecadado será revertido para a escola. “Vamos reunir quem fez e faz a EAV acontecer”, diz **Marcio Botner**, presidente da Oca-Lage, que administra o parque.



PARQUE LAGE

Cobertura de Imprensa: Revista de S. Paulo
Select Edição Nacional Outubro de 2015

REVIEWS

Mãe d'Água (2009), um dos grandes pratos pintados por Adriana Varejão que remetem à tradição do Candomblé

RIO DE JANEIRO

IMERSOS EM POEIRA E NUVEM

PAULA ALZUGARAY

Curadoria de Luisa Duarte tem caráter de resistência ao buscar ativar conteúdos amortecidos entre escombros. Sem apologia da ruína

Quarta-feira de Cinzas, a terceira exposição do projeto Curador Visitante da Escola de Artes Visuais do Parque Lage, abriu para o público na quarta-feira fatídica em que o Brasil perdeu o grau de investimento na classificação de crédito da Standard & Poor's. Está claro que esta foi apenas uma ironia do destino. A pesquisa que a curadora Luisa Duarte desenvolve sobre a incerteza e a fragilidade humana tem fundamentos filosóficos de outra densidade e seu interesse está justamente no revés de uma época "que faz o elogio incessante da 'eficácia', da 'competência', da 'agilidade'", segundo escreve em seu texto curatorial. Enquanto os

efeitos daquela quarta-feira abatiam mercados, desvalorizavam moedas e derrubavam Bolsas Brasil a fora, a Quarta-feira de Cinzas montada no Parque Lage levantava poeira de ruínas já instaladas no mundo contemporâneo há muito mais tempo. E 1938 é a data do poema Elegia, de Carlos Drummond de Andrade, eleito por Luisa Duarte como uma das bases de seu processo curatorial e incluído no corpo de obras da exposição em versão declamada por Caetano Veloso.

A exposição tem um caráter político de resistência a um estado das coisas que, no Brasil, definitivamente chegou a um *cul de sac*. Remexe os escombros do que Drummond anotou como "um mundo caduco" para o qual se trabalha sem alegria. Volta-se às rachaduras que desafiam a inércia de um "tempo fadado à repetição", funcionando, portanto, como um "nihilismo ativo" – expressão que a curadora toma emprestada de Nietzsche.

Ainda que a tonalidade predominante da exposição seja o cinza – o que lhe empresta uma frequência francamente melancólica –, temos cerca de 40 obras de 22 artistas que deflagram ações de resistência e reconstrução. No branco e preto das fotografias de Claudia Andujar (Construção de Brasília, 1965) e de Mauro Restiffe (Espéria #1), ou da escultura de pó e concreto de Nicolás Robbio, há a menção à ruína do projeto de progresso do modernismo. No cinza do muro sobre o qual Marilá Dardot escreve com água frases extraídas de chamadas de jornais (Diário, 2015), há relativização das verdades impostas pelo tempo do capital. O mesmo comprometimento mostra Matheus Rocha Pitta (Mão no Fogo, 2015), ao expor nas paredes da Gruta do parque sua coleção de recortes de jornais sobre casos sórdidos de corrupção. Com coragem e visceralidade, Quarta-feira de Cinzas toca com urgência nas feridas de seu tempo.

Frame de Diário (2015), vídeo de Marilá Dardot realizado durante residência no México

Quarta-feira de Cinzas

até 8/11, EAV Parque Lage, Rua Jardim Botânico, 414, Rio de Janeiro



Pós-utopia em foco

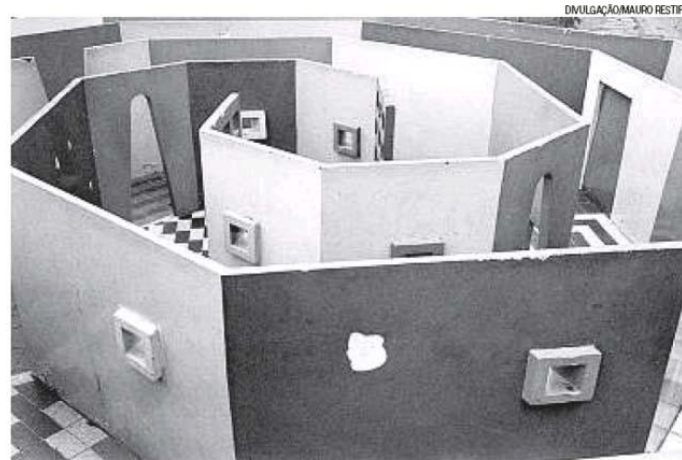
UM TOM ABAIXO DA GRITARIA

Encontro com curadora e palestra de Maria Rita Kehl movimentam mostra no Parque Lage

NANI RUBIN
nani@oglobo.com.br

Já há muitos anos a curadora e crítica de arte Luisa Duarte pesquisa os desdobramentos do que pode ser considerada uma era pós-utópica vivida pela Humanidade. Os marcos, diz ela, são muitos e variados, como a era depois de maio de 1968, a queda do Muro de Berlim, em 1989, e o triunfo, nas décadas subsequentes, do liberalismo. Essas questões — “de um tempo em que a gente corre mas parece não sair do lugar”, diz ela — a nortearam ao pensar a exposição “Quarta-feira de Cinzas”, em cartaz até 8 de novembro na Escola de Artes Visuais do Parque Lage.

Esta semana, o público terá oportunidade de participar de dois eventos que fazem parte da programação paralela à exposição. Hoje, às 19h, Luisa conversa com a diretora da EAV, Lisette Lagnado, e com a artista Rosângela Rennó, que integra a mostra com “Imagem de sobrevivência” (2015), projeção com quatro aparelhos de slides. E, nesta sexta-feira, no mesmo horário, a psicanalista



e ensaísta Maria Rita Kehl vai falar sobre o tema “Aceleração e depressão”.

— O (*ensaísta e poeta mexicano*) Octavio Paz falava de um tempo de uma “frenética imobilidade”. Há várias obras na mostra que se referem a esse tempo entrópico, desse girar em círculos, dessa espécie de necessidade de mirar no presente olhando no futuro, que nunca chega — diz Luisa, ressaltando que, não à toa, o tema da conferência de Maria Rita faz alusão a “um registro um tanto melancólico”.

A exposição, ela diz, “tem um tanto de uma reflexão so-

bre a melancolia que essa pressa para lugar nenhum acaba gerando”:

— É claro que tudo de uma maneira muito poética. Não é ilustrativo nem panfletário. É mais um tom, um registro, uma qualidade de um falar mais baixo em meio a essa gritaria que a gente vive, quem sabe assim tendo uma chance de ser mais bem escutado.

O nome “Quarta-feira de Cinzas” foi apropriado por Luisa do título de uma obra de 2006 de Cao Guimarães e Rivane Neuenschwander, em que várias formiguinhas que carregam confetes coloridos, ao

Labirintico. Foto da série “Espéria” (2015), de Mauro Restiffe, um dos 27 artistas que integram a exposição “Quarta-feira de Cinzas”

“QUARTA-FEIRA DE CINZAS”
ONDE: Escola de Artes Visuais do Parque Lage — Rua Jardim Botânico 414, Jardim Botânico (3257-1800). **QUANDO:** Diariamente, das 10h às 17h. Até 8/11. Hoje, às 19h, conversa aberta. **QUANTO:** Grátis. **CLASSIFICAÇÃO:** Livre.

som de de um samba tocado em tom melancólico. A obra, por ser já bem conhecida, não está na mostra. Os dois artistas comparecem com outros trabalhos: Cao Guimarães com a fotografia “Campo cego” e o vídeo “Memória” (ambos de 2008), e Rivane, com a série de fotografias “O medo do medo (“dengue fever)”, de 2015.

MESMA GERAÇÃO

A mostra é a terceira da série Curador Visitante, em que profissionais são convidados a realizar exposições na EAV usando também estudantes da escola. “Quarta-feira de Cinzas”, apresenta 40 obras de 27 artistas. Luisa se cercou de nomes de sua geração, com quem costuma trabalhar. É o caso de Cinthia Marcelle (o vídeo “Leitmotiv”, de 2011), Marilá Dardot (“Verde, Paulo”, impressão mineral e pintura em guache, de 2013), Matheus Rocha Pitta (que criou a inédita “Mão no fogo”, numa das grutas do parque), André Komatsu (“Água suja”, de 2015). Mas há também artistas de uma geração anterior, como Cao, Rivane e Rosângela, e ainda obras de nomes consagrados como Claudia Andujar (com a fotografia “Construção de Brasília, 1965-2005”) e Miguel Rio Branco (“Morandi perverso”, 1993). O conjunto, coeso e intrigante, traduz com clareza o pensamento da curadora. ●

40 ANOS EAV PARQUE LAGE

Cobertura de Imprensa: Jornal do Rio

O Globo – Segundo Caderno Edição Nacional 9/10/2015

Gente Boa



CLEO GUIMARÃES

Email: genteboai@oglobo.com.br e Blog: http://blogs.oglobo.globo.com/gente-boa/
COM MARIA FORTUNA E FERNANDA FONTES

'A FESTINHA TÁ **DEMAIS**'

Foi ótima a noite que comemorou os 40 anos da Escola de Artes Visuais do Parque Lage

FOTOS DE MARISA BRANCO



Um show. Arlindo Antunes, Marisa Monte e Arto Lindsay: "Beija eu", "Comida", "Gentileza..."



Estilo. Mariana Ximenes: tudo preto



Casal. Leandra Leal e Alexandre Yousef



Blusa. Noah e Zerbiné: rosto de Arto Lindsay



Arte. Ernesto Neto e Marcio Boeris

O Parque Lage vai ser a sede da Grã-Bretanha nas Olimpíadas, e a Casa França-Brasil receberá a delegação da Finlândia. O anúncio foi feito anteontem, por Marcio Botmer, presidente da Oca Lage, a organização social que administra os dois espaços, durante a festa beneficente que comemorou os 40 anos da Escola de Artes Visuais do Parque Lage.

Festa, não, festão — com direito a iluminação especial no casarão, bebida geladinha e infinita pista de dança montada sobre a piscina para caber mais gente, e um espetacular show de Marisa Monte. Talvez inspirada pela oca instalada no parque, a cantora subiu ao palco com um arco de penas que lembrava um cocar preso à cabeça. Parecia uma instalação. Lindo.

Marisa estava inspiradíssima e escolheu cuidadosamente o repertório ("totalmente afeição", como definiu uma moça na plateia). Abriu o show estalando os dedos enquanto cantava "Mãe de verdade". Seguiu com "Velha infância", "Na minha", "Gentileza", "Depois", "Beija eu..."

Marisa incluiu essa última no setlist a pedido de Marcio Botmer, como uma homenagem a Rubens Gerchman, fundador da EAV e autor da famosa série "Beijos".

"Estamos numa escola de arte nesse momento do país é significativo. Dedicar esse show aos professores e alunos", disse a cantora, ao microfone. Al veio "segue o seco", "Menina dança" — com ela colocando a mão no lugar dos olhos para imitar os olhos batendo na parte da letra que diz "revira os olhinhos".

Quando o público não acreditava estar ouvindo Marisa cantar todas aquelas músicas antiguinhas de novo... Arnaldo Antunes entra em cena e eles puxam "Comida" juntos. "Tá demais essa festinha, hein?", comentou Marisa, feliz em estar ali. E o público também, bastava reparar no coro alto que a acompanhou em "Desilusão": "Tá adorando as vozes, eu gosto assim, tipo coralzão", disse ela.

Antes do show, um "filme-poema" de Lula Buarque de Holanda abriu os trabalhos. O cineasta colheu depoimentos de artistas e professores e deu de presente à escola. Assim como o poeta Domingos Guimarães, autor da poesia "O Parque Lage do meu afeto".

O casarão do Parque Lage é uma espécie de Taj Mahal brasileiro, foi erguido aqui nos anos 20 com a argamassa do amor (e do dinheiro). Lã dizia o texto, sobre o lugar, construído por Henrique Lage para a cantora Gabriela Besozzi.

PARQUE LAGE

Cobertura de Imprensa: Suplemento Semanal

Folha de S. Paulo – Ilustríssima Edição Nacional 15/11/2015

ilustríssima

LIVRO | O QUE É UMA ESCOLA LIVRE?

A diretora da Escola de Artes Visuais (EAV), Lisette Lagnado, fez a pergunta do título a artistas, críticos, estudantes e curadores, como Yuri Firmeza, Brígida Baltar e Rodrigo Braga. Projeções de imagens históricas e obra sonora de Franz Manata e Saulo Laudaes acontecerão no lançamento.

EAV do Parque Lage - Rio | tel. (21) 3257-1800 | qua. (18), às 19h
Oca Lage e Editora Cobogó | R\$ 35 (176 págs.)

PARQUE LAGE

Cobertura de Imprensa: Jornal do Rio

O Globo – Segundo Caderno Edição Nacional 22/11/2015

EAV Parque Lage ENSINO SEM FÓRMULAS

Nos 40 anos da Escola de Artes Visuais, Lisette Lagnado foca nos cursos públicos para fazer do local um celeiro de artistas

NANI RUBENS
nani@globo.com.br

Há cerca de dois meses, Lisette Lagnado, diretora da Escola de Artes Visuais do Parque Lage, encaminhava a artistas, professores, editores da instituição, poetas e pensadores a seguinte pergunta: "O que é uma escola livre?". As 103 respostas obtidas foram reunidas num livro de mesmo nome lançado na última quarta-feira, que não só marca os 40 anos da instituição como também traz, em sua assinatura, a marca da gestão de Lisette, jornalista, curadora e pesquisadora com formação em Ciências Sociais e Filosofia, desde agosto de 2014 à frente da EAV. Nacional, portanto, devolver a ela a pergunta.

— É um lugar onde você pode descondicionalizar uma série de ensinamentos, de leis, de regras — responde Lisette. — Onde você se sente livre, mas isso não se ensina. Até acho que possa trazer os melhores professores, trazer professores de antropologia, resuscitar o (artista performático alemão) Joseph Beuys, mas não posso renunciar à liberdade.

O livro, editado pela Cobiogé e pela Oca Lage, organização social que administra a EAV e a Casa França-Brasil, traz textos, desenhos, poemas e fotografias. Uma das respostas é do antropólogo Eduardo Viveiros de Castro, que, a convite da diretora, deu aulas neste ano na escola. Em seu depoimento, ele diz que uma escola livre é onde se aprende a aprender. E, num segundo momento, onde se aprende a desaprender.

— É incrível, porque não é óbvio aprender a aprender — observa Lisette. — Você pode ter as ferramentas, como nossos alunos têm o YouTube, por exemplo. Mas entrar no YouTube para ver um filme de Pasolini e não ver bobagem, isso é aprender a aprender.

Neste momento, são 80 alunos aprendendo a aprender, nos dois módulos do curso Práticas Artísticas Contemporâneas, criado por ela no início do ano (o primeiro é focado em conhecimentos gerais de arte; o segundo, destinado a pessoas que estejam iniciando um trabalho e que precisem de interlocução para desenvolver-lo). Foram selecionados entre 1.700 inscritos, e cursam as aulas públicas, motivo da existência da escola. Me-

lde deles é bolsista social, categoria instituída pela Oca Lage para garantir que não abandonem a escola por falta de recursos, recebendo auxílio para transporte e alimentação. Todos ganham 360 horas-aula grátis para cursar ao longo de um ano. Há ainda 70 alunos oriundos de anos anteriores.

— É um grande desafio, porque as pessoas às vezes ficam aqui por 20 anos. Eu digo que elas não têm alta. É sensacional, o Parque Lage é um lugar do qual você não quer sair.

O apoio público regular e constante, instituído na gestão de Adriana Ilates na Secretaria de estado de Cultura, é o que, segundo Lisette, permite à escola, equipamento do estado, permanecer jovem. — Durante muito tempo, o que sustentou a escola, que é pública, foram os cursos pagos (hoje a EAV tem cerca de 800 alunos nessa condição). O Gerchman dizia que os cursos de lazer, os de dilettantes, são importantes, mas não fazem a reputação do Parque Lage como um celeiro de artistas.

INSPIRAÇÃO EM GERCHMAN

Criador e primeiro diretor da escola, de 1975 a 1979, Rubens Gerchman é um dos inspiradores de Lisette também quando diz que a escola viva deveria se reinventar a cada semestre. É uma premissa que vai levá-la a relançar o programa gratuito em 2016, incluindo, entre novas aulas, uma de psicanálise, área que, nota ela, caminha próxima à arte.

— O programa não é uma fórmula — diz ela. — Uma das grandes liberdades aqui, diferentemente de uma faculdade, é poder agregar novas vezes para dar aula.

O foco nos cursos públicos levou-a a implementar programas como o Curador Visitante, em que jovens desenvolvem uma exposição incluindo estudantes da escola. Também fez parcerias para residências artísticas aqui e no exterior, como no Lugar a Dúxas, em Cali, na Colômbia. Além disso, tem promovido aulas públicas, no último domingo de cada mês, com um modo de incorporar o visitante do parque (há dias em que são cerca de seis mil), já que o local tem a característica de ser aberto. No próximo domingo, às 11h, a coreógrafa Lia Rodrigues conduzirá a aula "O corpo criativo".

— Uma questão com que todos os es-



Lisette Lagnado. No livro "O que é uma escola livre?", 103 artistas, professores, pensadores e poetas falam sobre ensino, arte e liberdade

"As pessoas às vezes ficam aqui por 20 anos. Eu digo que elas não têm alta. É sensacional, o Parque Lage é um lugar do qual você não quer sair"

Lisette Lagnado
Diretora da EAV Parque Lage

diretores daqui trabalharam é que este espaço não se parece em nada com uma escola acadêmica. Quando o Gerchman funda a escola, em 1975, aqui é o jardim da oposição. A gente vivia num regime militar, e a escola é um lugar de resistência, um lugar em que as coisas são livres, você podia namorar, podia fumar, rodar a noite toda aqui.

Foi em 1975 que Lisette, então com 14 anos, chegou a São Paulo. Seus pais são judeus sírios, fugidos de Aleppo por conta do antisemitismo e, mais tarde, expulso da República Democrática do Congo,

onde ela nasceu, pelo mesmo motivo. Em São Paulo, editou uma revista de arte, deu aula em universidade, criou o Projeto Leonilson, para catalogar e preservar a obra do artista morto em 1993. Foi curadora da 27ª Bienal Internacional de Arte (2006), com o tema "Aprendendo a viver junto", e, recentemente, do Panorama de Arte Brasileira, no MAM-SP (2013). Filha do multiculturalismo, ela acha que São Paulo, apesar da efervescência cultural, sente uma certa inveja do clima festivo das artes cariocas. No que diz respeito a ela, não é mais necessário. ●

PARQUE LAGE

Cobertura de Imprensa: Revista de S. Paulo
Select Edição Nacional Dezembro de 2015

SELECTS ARTE E EDUCAÇÃO

30

LIVRO

PROJETOS PARA A LIBERDADE

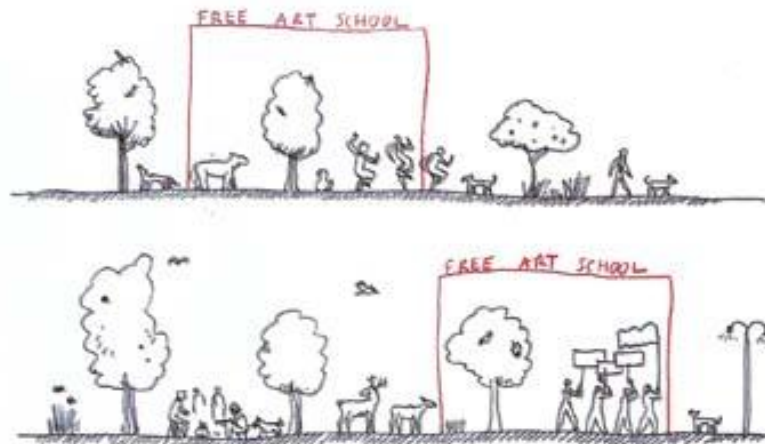
O Que É Uma Escola Livre?

Organização Lisette Lagnado, Oca Lage
e Editora Cobogó, 2015, 176 págs, R\$ 35

"Talvez uma Escola de Arte Livre seja aquela que mantenha funcionando a pergunta: O Que É uma Escola de Arte Livre?". Com esta frase o artista e professor de cinema e audiovisual Yuri Firmeza responde à pergunta

lançada pela Comissão de Ensino do Parque Lage e por Lisette Lagnado, diretora da instituição, a cerca de cem artistas, críticos, poetas, educadores e agentes do mundo da arte. "O resultado é uma reverberação polifônica da dificuldade de articular educação e liberdade", escreve Lagnado na introdução do livro O Que É Uma Escola Livre, publicado dentro do escopo de atividades em torno das comemorações dos 40 anos da Escola de Artes Visuais do Parque Lage.

Desenhos (acima, um de autoria de Bojana Piskur e Djordje Balmazovic), fotografias, textos e poemas responderam à pergunta e aquecem o ambiente para o Colóquio Internacional programado para inaugurar o ano letivo de 2016. Em outras palavras, discute-se aqui qual a missão de uma escola de arte no século 21. Abre o livro um fac-símile das Notas para a Elaboração de um Projeto Didático Cultural para a Escola de Artes Visuais, escrito por Frederico Moraes, diretor da EAV, entre 1987-88.



Conte algo que não sei

‘Não dá para salvar a espécie antes da natureza’

Leonardo Bertolossi, historiador e antropólogo

Intérprete da ideia de que o homem e seu meio são um mesmo ser, estudioso veio ao Rio para aula aberta e gratuita na Escola de Artes Visuais do Parque Lage

“Nasci em Niterói (RJ), há 34 anos, e meus estudos se aplicam às maneiras de abordar as representações indígenas contemporâneas no Brasil, nos EUA, na Austrália e no Canadá, tendo em conta o romantismo que cerca esses povos diante dos diagnósticos apocalípticos para o futuro da Humanidade”

ENTREVISTA A:

BRUNO CALIXTO
bruno.calixto@oglobo.com.br



● Conte algo que não sei.

Diante de um mundo globalizado, com tantos anúncios de crises do capital e do clima, temos que pensar nas alternativas sem cristalizar visões imperialistas e racistas que tendem a configurar um imaginário romântico dos índios, ligado à natureza, ou ao mágico e ao xamanismo, apenas.

● Qual é o dilema?

Hoje temos uma profusão de experiências na vida indígena vinculadas ao capitalismo e ao mercado. O dilema é como encarrar isso sem levar em conta o impacto da conquista, do extermínio, da face do etnocídio ao longo dos séculos. Ou o discurso neo primitivista e evolucionista.

● Como pensar o indígena?

Como mundos dinâmicos tentando se reinventar diante de um mundo globalizado, levando em conta suas contradições e paradigmas. Um mundo

que exige índios na curadoria de museus, ou índios produzindo arte contemporânea. Hoje, existem bienais específicas para acolher esse tipo de produção. É preciso pensar também na introdução de categorias universais, como identidade cultural, propriedade e autoria, interesse em consumo de produtos do lixo ocidental por parte destas populações.

● Que caminhos aponta a antropologia contemporânea?

Dos anos 90 para cá, há um grupo que prioriza o renascimento da natureza pelo animismo, que considera que todos os seres do planeta têm alma, estão vivos. Pensa a natureza também como humana. Do ponto de vista indígena, esses seres têm uma alma humana e uma máscara animal e vegetal.

● Fala-se em repatriação...

É quando o índio merece ter de volta artigos e peças de seu

dia a dia em museus, pelo sentido de rituais, dentro de suas próprias cosmologias.

● Não é complicado?

Sim. Um exemplo são as cabeças troféus dos índios pleiteadas no Smithsonian National Museum of Natural History, Washington (EUA), para que pudessem eles reconectá-las em seus rituais. Houve uma contenda, ainda sem solução.

● O mercado de arte é mais financeiro ou humano?

Quando falamos em mercado de arte não falamos só de capital financeiro, mas de capitais simbólicos, humanos e de afeto inter-relacionados. Não demonizar nosso mundo e exaltar o mundo indígena como heroico é uma maneira de dominação e racismo.

● Onde se dá a fronteira entre o homem e a natureza?

A nossa busca por salvar a

natureza, este mistério, é um conceito que muda muito e tem a ver com nossos desejos narcísistas de a gente se salvar. Não dá para salvar a espécie antes da natureza.

● Fale sobre a política indigenista no Brasil.

Num momento em que a PEC 215, que altera demarcações de terras e reservas indígenas, está sendo tratada num Congresso conservador, é preciso lembrar o olhar cínico e etnicida. Nos EUA, apesar de terem sido dizimados na conquista do Oeste, os índios não querem ser vistos como vítimas, sem capacidade de ação.

● Ainda há canibalismo?

É uma questão para pensar em identidade. Quando se produzem hip-hops indígenas, Miss Caiapó e mostra de cinema na aldeia de filmes feitos por indígenas, eles estão canibalizando a cultura ocidental!

PARQUE LAGE

Cobertura de Imprensa: Jornal do Rio

O Globo – Segundo Caderno Edição Nacional 28/12/2015

Gente Boa

CLEO GUIMARÃES

Email: genteboaglobo.com.br | Blog: <http://blog.globo.com/genteboa>
Cleo Guimarães | Foto: Paulo Pires



Dama de Ferro Mariana Mattos show com repertório abstrato em festa da Escola de Artes Visuais do Parque Lage, e ainda teve Arnaldo Antunes e Afonso Celso

O QUE VIMOS E DO QUE GOSTAMOS

Nem tudo foi ruim neste ano; coluna aponta seus queridões de 2015



Desfile meta-desfile teve para inspiração a melhor fantasia do carnaval bi de "Tenda da Paula Oliveira", sagrada aqui no desfile do Saramo do Cristo



Cher e Beyoncé Cão no México e Mercedes não cessou e faz História, Peps, Pedro e Dady show frequentado, Alcaas, Caia: não deremos um só

Ru é um ano estranho, sem dúvida. Cansa até de crises, lanchões caros passando vergonha, futebol americano banido em Pernambuco de Noronha, o Museu da Língua Portuguesa pagando frete, sem chances de inauguração jamais visto nas praças da cidade, o cancelamento do Fado em Rio, e adios à Casa Darce... Sim, teve isso tudo. Mas também daquele paper de copo cheio? Pois é. Em certos momentos, sim.

Por isso, o que calou fundo na cabeça da equipe Gente Boa está nessa coluna especial, que traz a seleção dos nossos queridões de 2015. Foram muitos, os muitos bons, mas, no conjunto da obra, nada se compara à comemoração pelo 50 anos da Escola de Artes Visuais do Parque Lage.

• **Ver** Marina Moura. Arnaldo Antunes e Dady Linday cantando um repertório aberto para um público que se acalhou de dançar na pista montada sobre a praia próxima e coisa assim. Um kuss. Ainda no quarto show, sua conexão namor com Baby da Brazil, Pepsu, Gostu e Pedro Italy, no rock no Rio Pe-

dro e Pepsu já entraram no palco chorando, emocionados por estarem ali — sentimento compartilhado pela plateia, que mostrou de lá ao ver Inda apontar para o céu, só os casos grossos, fechamos! Como não amar?

• **Amamos** também a exposição da fotógrafa William Eggleston, com suas cores prenhas da vida dos americanos de classe média, no Instituto Moreira Salles — um lugar que, por si só, já é um deslumbramento e não faz pensar: "Nossa, o Waldirão passou a infância aqui..."

• **Não** foi um bom ano de praia, Aquário, distúrbios, mais animação, mas sempre que dá, encontramos resgate. Foi numa das muitas festas de hambúrguer da cidade de Rio de Janeiro, sim. Mas e daí? Adoramos o momento, para que não seja passageiro. TT Burger, P de Burger, Arca, Comissão. Comissão mesmo.

• **Desmistos** mais tarde para ver o show de Caia em "Vindos do céu", passamos a não atender o telefone entre 21h e 22h30 para prestar atenção em nossos alunos, Caia Raymond, em "A regra do jogo", comemoramos o fato de Caia e Leo puxar seu show descoberto pelo marido e relembrar suas histórias; choramos com a última cena de "Que festa da vida!"; Nos emocionamos com os depoimentos do primeiro modelo (improvavelmente como todo mundo tem uma história para contar), e os canções, momentos de re com as fantasias de "Tenda da Paula Oliveira"; em "Índios para sempre".

• **Para** fechar com chave de ouro, comemoramos como fomos a Brasília Stern, a graça de nos de surf, fim que deu show no Hava, nossa final entre dois brasileiros e o título mundial para Michael. É, até que 2015 não foi tão ruim assim.



PARQUE LAGE

Cobertura de Imprensa: Suplemento Semanal

O Globo – Rio Show – capa e índice Edição Regional 4/12/2015



2 | **RIOSHOW**
SEXTA-FEIRA 4.12.2015

ÍNDICE

O parque é nosso

Um palacete cercado de verde por todos os lados. Não à toa, o carioca tem um carinho especial pelo Parque Lage, que já foi cenário de filmes, palco de shows concorridos e exposições importantes. Na reportagem de capa, Gilberto Porcidonio conta um pouco dessas e de outras histórias do espaço, que nos últimos meses está bombando com uma programação cultural intensa.

Inês Amorim
EDITORA

1

PARQUE LAGE

Cobertura de Imprensa: Suplemento Semanal

O Globo – Rio Show – continuação Edição Regional 4/12/2015

SINAL VERDE PARA A DIVERSÃO

Casa carioca

Agenda intensa, com shows, filmes, festivais multimídia e até ópera, recolocam o Parque Lage em destaque

GILBERTO PORCIONINO
@gilbertoporcionino

Após o Morro do Corcovado, no meio de uma mata acanhada, o belo palacete do Parque Lage nasceu de uma história de amor. Nem todos sabem, mas, em 1924, ele foi construído pelo empresário Henrique Lage para sua mulher, a cantora lírica italiana Gabriella Rosanzoni. Hoje, são os cariocas que morrem de amores pelo lugar, que, além de uma incrível área verde com espaço para piqueniques e trilhas, há 40 anos abriga a Escola de Artes Visuais (EAV, para os íntimos) e o palco de eventos memoráveis.

Mas, se os agitos por lá acontecem esporadicamente, agora são frequentes. Só este ano, o espaço tem na conta Encontro Nacional de Food Trucks (logo à esquerda), o Festival Internacional de Teatro da Língua Portuguesa (com espetáculos e performances no casarão e no

méio da mata), o Festival Paranaense de Dança, o Multiplicidade, o Mimo (com shows gratuitos concorridíssimos, com fila quilométrica) e, na semana passada, o Ópera na Tela, com exibições de óperas num telão. Amanhã, o parque que fica no bairro do Jardim Botânico fechará o ano com o festival musical Sonoridades, também gratuito (leia mais na página 25).

O DNA artístico vem de longe: desde os anos 1940 a casa abriga festas e saraus. Em junho de 1957, já nas mãos de outros donos, o terreno foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) e, na década de 1960 — para a felicidade geral da nação carioca — transformado em parque público.

Desde um polo a mais na história, chegamos em 1975, quando o artista plástico Rubens Gerchman (1942-2008) criou, no lugar do antigo Instituto de Belas Artes, a EAV no palacete, e o local ganhou novos ares. Para o por-



GILBERTO PORCIONINO
AGULHEIRO DA GRUTA



PALACETE. Próximo abriga sede da EAV



CINE LAGE. Última sexta de cada mês



ÓPERA NA TELA. Semanas juntas à mata



MIMO FESTIVAL. Show do negroeiro Humbião, em novembro

Parque no parque

PIQUENQUES. As áreas liberadas são: parquinho, playground, lago dos patos, lateral da gruta, recanto dos namorados e coreto. Festanças são vetadas; no máximo, grupos de 30 pessoas.

EXPOSIÇÕES. Na EAV, há duas salas para mostras com obras de alunos e artistas convidados. As antigas Cavaletas também abrigam exposições, mas atualmente não há nenhuma em cartaz.

PLAGE. O barão oferece pratos feitos com produtos orgânicos, como o café de moenda completo para dois (R\$ 22), com pão, manteiga, geleia, requeijão, bolo, iogurte com granola, frutas, ovos mexidos, queijo de minas, peito de peru, suco e torrada quente) e opções para almoço, como entrecoste com batatas rústicas (R\$ 39) e hambúrguer de tráfego com marmelada (R\$ 24). Seg a sex, das 9h à meia-noite; Sáb, das 13h à meia-noite. Dom, das 9h às 17h.

CURSOS E EVENTOS. Entre os cursos, há aulas de violão, performance, desenhos, câmbios e registros com smartphones e processadores criativos. No último domingo do mês, às 11h, aula pública; e no último sexta, às 20h, exibição de filmes no Cine Lage. Grátis.

CONTACTOS. A página no Facebook é pensamentamente atualizada com a programação da escola e dos eventos em geral.

SERVIÇO. Rua Jardim Botânico 414, Jardim Botânico — 3257-1800. Parque: Diariamente, das 8h às 17h (durante o horário de verão, até às 18h). Barão Plage: seg a sex, das 9h às 23h; sáb, das 13h às 23h; dom, das 9h às 23h. Biblioteca: seg a qui, das 10h às 20h; sex, das 10h às 20h.

“Era tudo muito apaixonante. ‘Corações Picodélicos’, do Lobão, era a nossa trilha sonora. A geração de 1980 do rock nacional se criou lá”

MARTA FUÇA
Produtora que organizou shows no palacete de 1983 a 1987

“Era um oásis em meio à ditadura”

LIEZ AGRILA
artista plástica e ex-professora da EAV

ta Chacal, que passou a frequentar o espaço nesta época, a fundação de EAV deu uma origem na cultura carioca.

— Passei a frequentar as aulas de cinema e logo fizemos eventos e recitais com o Noveim Cigano (grupo com os também poetas Charles Picoito, Bernardo Vilhena e Ronaldo Santos). Foi um lugar muito usado pela poesia marginal, que ajudou a popularizar esse movimento — lembra Chacal, acrescentando que a escola também era ponto de trape do Adriano Travenço e Trombone, grupo de teatro que tinha entre seus integrantes Regina Casé, Brando Mesquita, Hamilton Vaz Pereira e Porteiro Fortuna. — Além, a sermão do Cine Voador nasceu lá, em 1981, do encontro do Perfeito com a Marta Fuça.

A ligação de fuça com o Parque Lage vai além. Três anos depois de criar o Festival Rock Voador, na lousa da Lapa, ele produziu, de 1985 a 1987, uma série de shows no parque. Entre os mais marcantes, a produção cinematográfica de Caetano Veloso e um de Hermes Pascoal, no qual ele saiu de palco e levou o público para passar pela floresta, visitando para uma apresentação de quatro horas (o que não chega a ser inconcomum no caso do Bruno).

Nesta época, a piscininha estava coberta por um tabuleiro de madeira, que funcionava como pista, sempre lotada. Sem esquecer os shows dos artistas do Black nacional da geração de 1980, Fuça assume alguns excessos: — Era tudo muito apaixonante. A música “Corações

picodélicos”, do Lobão, era a nossa trilha sonora. A geração de 1980 do rock nacional se criou lá, como a própria Lobão, o Barão Vermelho, os Paralamas... Sem falar nos shows de Ney Matogrosso, Basíl Seixas, Tim Maia, os punk... Talvez tenha até passado do limite. Os shows davam mais de 1.300 pessoas fácil, com invéses por todos os lados, pulando o muro, e até gente entrando pelo terraço de confusão. Estrondoso tanto que me enguliram (risos). Hoje, eu teria um outro olhar.

Além de shows, o casarão também foi cenário para filmes emblemáticos do cinema brasileiro, como “Macunaíma, o herói sem nenhum caráter”, de Joaquim Pedro de Andrade (1968), e “Terra em transe”, de Glauber Ru-

PARQUE LAGE

Cobertura de Imprensa: Suplemento Semanal

O Globo – Rio Show – continuação Edição Regional 4/12/2015

20 CAPA FOCOSHOW
SEXTA-FEIRA 4.12.2015



VERDE. Estrada para uma gruta

cha (1987) — que, por sinal, foi vetado ali —, além de programas de TV e o clipe "Beautiful" do rapper Snoop Dogg e da dupla The Negtunes (2002). E, claro, palco para montagens teatrais históricas, como "O Rei e a Veloz", de Zé Celso (1987), e "A tempestade", de Shakespeare, que, com direção de Paulo Rets (1982), foi a penúltima peça da trupe Pessoal do Despertar, que reunia atores como Miguel Falabella e Maria Padilha. Os dois fizeram o par romântico com cenas férteis na piscina, com cenas férteis na piscina, com cenas férteis na piscina, com cenas férteis na piscina, com cenas férteis na piscina, com cenas férteis na piscina.

— Ela é o centro de uma grande lembrança minha, seja nos filmes, seja nos momentos em que todos nadavam aqui, vestidos ou não — lembra Chalac.
E, na edição do ano passado, a festa carioca Baile do Sarungue, promovida pelo artista plástico Ernesto Neto e amigos há sete anos, aconteceu com alguns foliões caindo na piscina, todos muito animados e alguns pouco vestidos.
— Este clima libertário vem da escola, só aconteceu no Sarungue porque isso é lá. A EAV tem esse ar, e recentemente ele com muita seriedade, fez parte do que acreditamos, a vida.
Mesmo fora festas, artistas plásticos também pinguam e se ve no Parque Lage. Luiz

"A piscina é o centro de uma grande lembrança minha, seja nos filmes, seja nos momentos em que todos nadavam, vestidos ou não"
CERCAL
Pista
"O selo Reverte pra Escola liga os eventos a uma ação educativa"
MARCIO BOTNER
Cenoura da EAV

Aquela, professor da escola de 1979 a 1986, conta que o ambiente estimulava a criação e a liberdade.
— Tinha os professores empobrecidos. Existia uma atmosfera que tirava o ar de pedestal, e, ao mesmo tempo, também era uma escola com um certo comportamento próprio. Era um oásis em meio à ditadura. O interessante é que, até hoje, não é uma escola para formar artistas, mas para formar gente com um cotidiano criativo. Daí, acabaram saindo artistas.
Muitos artistas, diga-se de passagem, Beatriz Milhazes, Daniel Sedes, Victor Arndt, Angelo Veas e Leda Catuana estavam entre os 123 artistas plásticos que participaram, em 1984, da exposição "Como vai você, geração BOP?", que teve curadoria de Marcus Lotina, Paulo Roberto Legal e Sandra Maggior e marcou o regate da pintura na arte brasileira
— Eu não sei se a gente deixou um legado, mas o que foi importante naquele momento de abertura política e efervescência cultural é que a escola conseguiu manter a que estava acontecendo no Brasil inteiro conta o que estava estabelecido. Isso acabou se tornando uma característica dela, a de abrigar ideias novas — diz Barrio, que também estava no elenco estelar e acredita que todo o ocorrido por causa da capacidade do espaço de catalisar ideias novas.
Es-aluno (de 1981 a 1984) e ex-professor (1984 a 2012) da escola, Márcio Botner assumiu em maio a presidência da organização social que administra a EAV. Desde então, o Parque Lage passou a sediar mais eventos. Segundo Botner, a ideia fêz cair da vez mais o espaço. Mas há limites e pequenas regras. O aluguel varia de acordo com

FOCOSHOW
SEXTA-FEIRA 4.12.2015 | 21



BESTÃO. O Flage, concorrido nos finais de semana
NOVIDADE. "Food like"
E FIQUE. Os concurredos piqueniques

Bequestandores, em casa...
— Não sem com o não se apaixonar por aquele lugar. Estou até estreitando o roteiro de um livro que tem uma cena de festa no Parque Lage — conta a produtora e editora de cinema Lúcia Carneiro, de 25 anos, que no começo de 2015 fez ali o curso de livros Carnoflexão, além do fundamentação e o fotográfico.
Durante os dias de semana, quando o movimento no parque é naturalmente menor, são principalmente os alunos das aulas que ocupam as mesas do Flage, instaladas ao redor da piscina. Lá nos fins de semana, é o público preparado pelo chef carioca Pyber Dias, que instalou recentemente uma food truck na área externa da casa, para lanches rápidos.
Cenoura de vende a EAV e a joia da coroa, mas o parque em si também vai muito bem, strigado. É permitido fazer piqueniques, mas só em áreas específicas: piquenique, platô, lago dos patos, lateral da gruta, Becato dos Nuanarados e coreto. Todos são muito disputados e, para garantir, melhor chegar cedo: só se permitem 30 pessoas por piquenique. O maior problema é ter alguns quanta superlotado por algum micro metido a esperto.
As trilhas também são bem concorridas, como a que vai para Morro do Corcovado (12,5 km, ida e volta), que passa pelas mais de 180 espécies de árvores. O problema é a segurança: já ocorreram diversos assaltos no percurso. A limpeza do parque, as vezes criticada, está num bom momento. E todo o lixo orgânico recolhido passa por um processo de compostagem que gera um adubo para ser usado na própria floresta. É isso: cuidar para poder usar — e dançar, e pintar, e beldar, e nadar, e se despir, e o que mais esse cenário inspirar. ■



O céu e a mata como testemunhas

Festival Sonoridades ocupa o espaço amanhã com oito horas de programação musical gratuita
Em sua quinta edição, o festival Sonoridades deixa o Oi Futuro Itaipava, onde nasceu e cresce, e ocupa o Parque Lage, amanhã, com oito horas de programação musical gratuita. Com a realização de reunir artistas consagrados da música brasileira a outros que estão trilhando novos rumos, a noite terá os shows de Áca Rocha com Negro Les e Jonas Sá; Marcos Vallé com a banda Azymuth (que comemora 40 anos do lançamento de seu primeiro disco); o grupo + 2 (formado por Monus Valiosa, Demostreco Lancellotti e Kasin); e a big band paulistana Biga 70, que se apresenta com Ieda Donato e Jacara Marçal (vocalista da banda Metá Metá). Nas praças, o Dê de criatividade Vinil e Arte, Nepal e Tábua. O palco será montado do lado do casarão, e, além de música, haverá instalações dos artistas plásticos Flávia Mourão, Celso e Lourenço Casagiba, e food trucks com comidas à base.
Criador do festival, Nelson Motta viu a mudança para o Parque como algo tão natural quanto o verde em que ele está instalado.
— Quando apareceu a oportunidade de levar o Sonoridades para lá, mudamos o nosso formato. Em vez de quatro fins de semana no Oi Futuro Itaipava, onde cabe bem menos gente, será um dia inteiro no Lage, onde terá mil pessoas. Ali é lindo e bem no coração da cidade. As atrações foram buscadas em nosso formato, que tem sido muito bem-sucedido: qualidade, diversidade e novidade — diz Nelson Motta, que, entre as muitas lembranças do local, cita um show de Tim Maia no final dos anos 80.
Marcos Vallé, que se apresenta no Parque Lage pela primeira vez, vê a oportunidade como uma chance de unir duas de suas paixões: música e natureza.
— Gosto muito de estar lá, perto da montanha. Foi a vários shows por lá, há mais de 20 anos. Tem essa possibilidade de tocar no parque, com o Dê e o Azymuth, é muito bom. Estão nos arreves. ■